



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E SANITÁRIAS DOMICILIARES DOS  
CONJUNTOS HABITACIONAIS DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS/MS DE  
2006-2012**

**Camila Aparecida Alves da Silva**

**TRÊS LAGOAS/MS  
2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E SANITÁRIAS DOMICILIARES DOS  
CONJUNTOS HABITACIONAIS DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS/MS DE  
2006-2012**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação - Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS – Área de Concentração Análise Geoambiental e Produção do Território, como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edima Aranha Silva.

**TRÊS LAGOAS/ MS  
2015**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Edima Aranha Silva  
Orientadora  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Francisco José Avelino Júnior  
Membro da Banca  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Marçal Rogerio Rizzo  
Membro da Banca  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

DATA DE APROVAÇÃO: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

***In memoriam* de Júlio Rodrigues Ferreira  
A Vera Lucia da Silva Ferreira e José Alves  
da Silva,  
Meus pais, orgulho e inspiração de vida,  
E Maria Izabella Alves da Silva, minha  
caçula e querida irmã.  
Dedico**

A vida me ensinou a  
nunca desistir  
Nem ganhar, nem perder,  
mas procurar evoluir  
Podem me tirar tudo que  
tenho  
Só não podem me tirar a  
coisas boas  
Que eu já fiz pra quem eu  
amo  
E eu sou feliz e canto  
O universo é uma canção  
E eu vou que vou

História, nossas histórias  
Dias de luta, dias de glória  
Histórias, nossas histórias  
Dias de luta, dias de  
glória.

Histórias, nossas histórias  
Dias de luta, dias de glória  
História, nossas histórias  
Dias de luta, dias de  
glória.

**Charlie Brown Jr.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado forças e sabedoria para seguir em frente e concluído mais uma etapa importante da minha vida.

Agradeço a Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado em Geografia do campus de Três Lagoas e a CAPES.

Agradeço aos moradores dos Conjuntos Habitacionais que me receberam em suas casas e com muita humildade me responderam as perguntas dos questionários, sem a ajuda deles esse trabalho não teria acontecido.

Aos meus professores que estão comigo desde a graduação e permanecem em mais uma etapa cumprida na geografia, que me ensinaram muito do que é essa ciência fantástica e a cada dia eu percebo que tenho que aprender muito mais, a Wallace de Oliveira, Arnaldo Sakamoto, Patrícia Mirandola. Em especial aos professores que deixaram uma marca registrada na minha formação intelectual, Francisco José Avelino, Rosemeire Aparecida de Almeida e Conceição Aparecida de Queiróz, André Luiz Pinto.

Dedico as minhas conquistas aos meus pais por desde sempre me incentivar a estudar e por me apoiar nas minhas decisões, sempre me ensinando que o caminho a ser trilhado tem que ser semeado por fé e humildade, e claro não poderia de deixar de agradecer a minha querida irmã que nos momentos difíceis sempre é minha confidente e amiga.

Agradeço aos meus amigos Leandro Pereira que não hesitou em me ajudar com as planilhas do Microsoft Excel, nos momentos em que eu mais fiquei perdida em meu trabalho e a Ana Flávia Honorato que considero minha amiga irmã por toda a ajuda nessa trajetória de dois anos que caminhamos juntas.

Agradeço as minhas amigas Mariana Matiussi Previato, Ana Claudia Conde Peres, Malu Lima de Oliveira, Anna Lú Bernardes que me deram apoio nesses dois anos e que quando cheguei à reta final das saídas de campo me ofereceram ajuda como um dos gestos mais singelos de carinho e amizade que recebi, com o apoio e palavras de incentivo de vocês tudo se tornou mais fácil.

Aos meus queridos amigos e parceiros de laboratório, Cristóvão Henrique, Adriano Franquelino, Geise Teixeira e Marcos Prudêncio, posso dizer que nossa amizade é “geográfica”, vocês estiveram comigo na defesa de monografia e até hoje permanecem em minha vida, e que nossa amizade dure para todo o sempre.

Agradeço aos meus amigos da turma do Mestrado Gustavo Galvão, Rafael Bartiman, Claudinei Araújo, Talita Costa, Marco Aurélio, Danilo Souza, Thiago de Andrade Águas, Denivaldo Souza, Eliana Menossi, pelos momentos de alegria durante as saídas de campo e as aulas.

Agradeço ao Aparecido Júnior que se tornou muito especial durante essa fase de construção da minha dissertação, que mesmo com a distância me incentivou com palavras positivas no andamento da minha qualificação e permaneceu me acompanhando até a reta final.

Não poderia me esquecer das minhas avós que seguem firme pela vida mesmo sentindo a ausência dos meus avôs, e agradeço imensamente a Tia Maria e Tio Sebastião que mesmo longe estão presentes em minha vida.

E não podia deixar de mencionar aqui os meus amados irmãos de coração Felipe Amaro, Hélio Henrique e Fernando Aguiar, obrigada por me darem forças nos momentos que eu mais preciso e estar sempre presentes mesmo com a distância.

E para finalizar gostaria de agradecer imensamente a minha orientadora Edima Aranha Silva, por todas as oportunidades que me proporcionou desde da graduação que iniciei em 2007, e por mais uma vez estar fazendo parte da minha trajetória, com você eu aprendi o significado de ser um profissional dedicado aquilo que faz. Obrigada por sempre me acolher nos momentos em que mais precisei, afinal quando as relações são verdadeiras elas vão além dos muros da Universidade.

## RESUMO

O presente trabalho, parte do pressuposto e objetivo de quantificar e avaliar as influências das condições sanitárias e socioeconômicas nos domicílios dos conjuntos habitacionais, na cidade de Três Lagoas/MS, que foram entregues no período de 2006 a 2012, visando subsidiar ações do planejamento urbano. Por conseguinte, esse trabalho tem como análise, a avaliação socioeconômica e sanitária, e como estas podem influenciar na elaboração e execução de programas de infraestrutura básica de saneamento, direcionado o atendimento às comunidades inseridas em áreas menos favorecidas. Na referida pesquisa, analisa-se os conjuntos habitacionais: Hortênsias, Orquídeas I, Orquídeas II, Violetas I, Violetas II, Margaridas, Lírio, Girassóis, Imperial, e o conjunto Azaleia. Tendo em vista o objetivo proposto que já fora mencionado anteriormente e aplicado os processos metodológicos, tais como: entrevista com os moradores, aplicados através de 262 questionários contabilizando 30% de amostragem, quantificação desses dados coletados, saída de campo, e embasamento em leituras feitas sobre assuntos relacionados ao tema, pode-se concluir a pesquisa correlacionando todas as informações obtidas.

**Palavras – chave:** Condições socioeconômicas, Condições sanitárias domiciliares, Conjuntos Habitacionais.

## ABSTRACT

This work assumes and to quantify and evaluate the influences of health and socioeconomic conditions at the homes of housing in the city of Três Lagoas/MS, which were delivered in the period 2006-2012, in order to support actions of urban planning. Therefore, this work is analysis, socioeconomic and health evaluation, and how these can influence the development and implementation of basic sanitation infrastructure programs directed care to the communities included in disadvantaged areas. In this research, we analyze the housing projects: Hortênsias, Orquídeas I, Orquídeas II, Violetas I, and Violetas II, Margaridas, Lírio, Girassóis, Imperial and Azaleia housing projects. In view of the proposed objective already been mentioned above and applied the methodological processes, such as: interview with the locals, applied through 262 questionnaires accounting for 30% of sampling, quantification of these collected data, field trip, and grounding in the readings on matters related to the topic, it can be concluded the research correlating all information obtained.

**Key - words:** Socioeconomic conditions, household sanitation conditions, Housing Projects.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Três Lagoas-MS.....	18
Figura 2: Localização dos Conjuntos Habitacionais da cidade de Três Lagoas .....	24
Figura 3: Croqui do Conjunto Habitacional Azaleia .....	31
Figura 4: Croqui dos Conjuntos Habitacionais Margaridas, Imperial, Violetas I e II.....	32
Figura 5: Croqui do Conjunto Habitacional Girassóis.....	33
Figura 6: Croqui do Conjunto Habitacional Hortênsias.....	34
Figura 7: Caixa d'água no Conjunto Habitacional Lírios.....	78
Figura 8: Caixa d'água no Conjunto Habitacional imperial.....	78
Figura 9: Banheiro do domicílio de um dos moradores entrevistados no Conjunto Habitacional Imperial.....	79
Figura 10: Fossa séptica no conjunto habitacional Lírios.....	82
Figura 11: Fossa séptica no conjunto habitacional Orquídeas I.....	82
Figura 12: Fossa séptica no conjunto habitacional Violetas II.....	83
Figura 13: Fossa séptica no conjunto habitacional Imperial.....	83
Figura 14: Fossa séptica no conjunto habitacional Orquídeas II.....	84
Figura 15: Lixo no conjunto habitacional Lírios.....	87
Figura 16: Lixo acumulado na rua no conjunto habitacional Azaleia.....	88
Figura 17: Entulho de material de construção e outros dejetos no conjunto habitacional Azaleia.....	88

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Total e média de moradores dos conjuntos habitacionais.....	37
Tabela 2: Faixa etária geral dos moradores dos conjuntos habitacionais.....	39
Tabela 3: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas I .....	40
Tabela 4: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas II .....	41
Tabela 5: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Azaleia .....	42
Tabela 6: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Girassóis .....	43
Tabela 7: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Hortênsias .....	44
Tabela 8: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Imperial .....	44
Tabela 9: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Lírios .....	46
Tabela 10: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Margaridas .....	47
Tabela 11: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas I .....	48
Tabela 12: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas II .....	49
Tabela 13: Escolaridade dos moradores dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas .....	52
Tabela 14: Rendimento domiciliar em salários mínimos, dos moradores nos conjuntos habitacionais.....	55
Tabela 15: Rendimento domiciliar per capita, dos moradores nos conjuntos habitacionais .....	57
Tabela 16: Média de valor pago por domicílio nos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas.....	60
Tabela 17: Mínimo, Máximo e Média de valor pago no domicílio.....	61
Tabela 18: Quantitativo de trabalhadores com > 6 anos, < 6 anos, 6 anos com pausa.....	63
Tabela 19: Quantitativo de renda extra dos moradores por domicílio .....	66
Tabela 20: Média de valor pago na última conta de água .....	73
Tabela 21: Tratamento domiciliar da água utilizada para beber.....	75
Tabela 22: Período de limpeza da caixa d'água .....	77
Tabela 23: Rede Coletora X Fossa Séptica.....	81

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Total e média de moradores dos conjuntos habitacionais .....	37
Gráfico 2: Faixa etária geral dos moradores dos conjuntos habitacionais .....	39
Gráfico 3: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas I .....	40
Gráfico 4: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas II .....	41
Gráfico 5: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Azaleia .....	42
Gráfico 6: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Girassóis .....	43
Gráfico 7: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Hortênsias .....	44
Gráfico 8: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Imperial .....	45
Gráfico 9: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Lírios .....	46
Gráfico 10: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Margaridas .....	47
Gráfico 11: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas I .....	48
Gráfico 12: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas II .....	49
Gráfico 13: Escolaridade dos moradores dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas .....	52
Gráfico 14: Rendimento domiciliar em salários mínimos, dos moradores nos conjuntos habitacionais .....	55
Gráfico 15: Rendimento domiciliar per capita, dos moradores nos conjuntos habitacionais .....	57
Gráfico 16: Média de valor pago por domicílio nos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas .....	60
Gráfico 17: Mínimo, Média e Máximo de valor pago no domicílio .....	61
Gráfico 18: Quantitativo de trabalhadores com > 6 anos, < 6 anos, 6 anos com pausa .....	63
Gráfico 19: Quantitativo de renda extra dos moradores por domicílio .....	66
Gráfico 20: Média de valor pago na última conta de água .....	73
Gráfico 21: Tratamento domiciliar da água utilizada para beber .....	75
Gráfico 22: Período de limpeza da caixa d'água .....	77
Gráfico 23: Rede Coletora X Fossa Séptica .....	81

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conjuntos Habitacionais em Três Lagoas/MS (2006-2009) .....	35
Quadro 2: Metodologia proposta por Vetter e Simões .....	67

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>30</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>20</b>
<b>1 - CONJUNTOS HABITACIONAIS EM TRÊS LAGOAS: UMA BREVE</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO</b> .....	<b>25</b>
1.1 - Moradia popular na cidade de Três Lagoas .....	28
1.2 - Conjuntos Habitacionais em Três Lagoas.....	29
<b>2 - CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS</b>	
<b>DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS/MS</b> .....	<b>35</b>
2.1 - Média e total de moradores por conjunto habitacional .....	36
2.2 - Faixa etária dos moradores dos conjuntos habitacionais.....	38
2.3 - Grau de escolaridade dos moradores dos conjuntos habitacionais .....	50
2.4 - Rendimentos domiciliar em salários mínimos dos moradores dos	
conjuntos habitacionais .....	53
2.5 - Rendimento domiciliar per capita dos moradores nos conjuntos	
habitacionais .....	56
2.6 - Médias de valor pago por domicílio nos conjuntos habitacionais .....	58
2.7 - Tempo de atividade de trabalho dos moradores .....	62
2.8 - Quantitativo de renda extra por domicílio.....	64
<b>3 - CONDIÇÕES SANITÁRIAS DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DA</b>	
<b>CIDADE DE TRÊS LAGOAS/MS</b> .....	<b>67</b>
3.1 - Uma breve discussão relacionada ao saneamento básico .....	68
3.2 - Abastecimento de água.....	72
3.3 - Tratamento domiciliar da água utilizada para beber .....	74
3.4 - Limpeza da caixa d'água.....	76
3.5 - Esgotamento Sanitário .....	80
3.6 - Disposição dos resíduos sólidos .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>90</b>
<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>92</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

A cidade de Três Lagoas/MS localiza-se na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul, e na microrregião Três Lagoas . Está na margem direita do rio Paraná, sendo divisa com o estado de São Paulo (Figura 1), com uma localização estratégica e favorável em relação aos centros consumidores e o seu diversificado sistema intermodal de transporte. Segundo o IBGE, a população estimada em 2014, abriga 109.633 habitantes, alocadas em 38 bairros. Passou de cidade de pequeno porte, para médio porte, sob um processo de transição que vem ocorrendo devido ao seu rápido crescimento econômico, que foi proporcionada pelo seu desenvolvimento industrial, que compreende como espaço globalizado. Como enfatiza Santos (1996, p.272) “[...] a utilização dos lugares pelas empresas, sobretudo firmas gigantes depende da formação socioeconômica e a formação socioespacial [...]].

Este novo modo de produção está relacionado à ordem temporal, pois o município de Três Lagoas está reconfigurando sua produção econômica, que transcende da agropecuária para a agroindústria. Este desenvolvimento diacrônico conduz a novos processos econômicos e sociais.

Neste momento em que as atividades de produção encaminham-se para um novo viés de investimento, nota-se que determinada parcela da população que residia e trabalhava nas propriedades rurais, migram para a cidade, necessitando de moradia e infraestrutura adequada.

Por meio desse entendimento sobre a nova dinâmica que configura a cidade, devido aos novos meios de produção, entende-se que a globalização agrupada aos encaminhamentos que a reconfiguração da cidade delineia, ditam uma nova ordem que permeia o modo de vida na cidade, pois, todos esses fatores estão inseridos em uma escala hierárquica que se interliga e vitaliza as ações do tempo e que produz as novas relações socioeconômicas.

O espaço da cidade compreende diferentes usos e ocupação de terras, como local de concentração de atividades comerciais, serviços de gestão, áreas residenciais , e que de acordo com Corrêa (1995, p.8): [...] o espaço urbano é um reflexo tanto das ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizam no passado e que deixam marcas impressas nas formas espaciais do presente [...].

Sendo assim, observa-se o elevado crescimento urbano que permeia a cidade com a expansão de moradias, conduzido através do aumento do contingente populacional que é desencadeado devido à industrialização que possibilita oportunidades de emprego.

A partir do momento em que a humanidade iniciou suas atividades econômicas, primeiramente fundamentou-se nas plantações, e em seguida passou a se desenvolver diversos fatores que começaram desde início afetar e modificar o meio. Com a atividade da agricultura teve início o processo de modificação dos recursos naturais, como a vegetação, o solo e a água. Os locais mais propícios à plantação, criação e extração de minerais não eram mais abandonados, e as primeiras aldeias foram sendo formadas. Os resíduos sólidos “lixo” o esgoto e outros detritos começaram a acumular-se, mas nessa época ainda não existia a noção de infraestrutura e nem o conhecimento que a falta de manejo com as atividades cotidianas podiam causar (CAVINATTO, 2003).



Ainda segundo Cavinatto, para melhor entendimento dos primeiros métodos adotados para criação de uma infraestrutura menciona os seguintes fatores:

As construções destinadas ao transporte de água, chamadas de aquedutos, eram grandiosas, principalmente entre os romanos. Essas obras abasteciam dezenas de termas (ou banhos públicos), muito apreciadas pela população da época.[...]Os romanos também destacaram-se na construção de redes de esgoto e de canalização para escoamento das águas de chuvas nas cidades (2003, p.30).

É essencial para a qualidade de vida saudável, que haja infraestrutura apropriada, melhorando a qualidade do ambiente, destinando os devidos cuidados ao saneamento básico domiciliar, resultando na higiene da alimentação e na saúde populacional.

É importante salientar que os investimentos em saneamento são fortes indicadores de benefícios . Nota-se o benefício econômico, como citado anteriormente, com a redução de gastos com a saúde e o aumento da produtividade do trabalhador; também sociais, com a diminuição da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida, e por fim ambientais, com a proteção e recuperação de mananciais e recuperação das bacias hidrográficas.

Assim sendo, de acordo com Ayach (2002, p.1) a realidade das condições domiciliares de saneamento básico da população tem evidenciado grande influência em sua qualidade de vida, e mesmo com as constantes buscas de soluções que minimizem esses problemas, o acesso da população a uma infraestrutura básica de saneamento é limitado devido às suas condições sociais, proporcionando condições de vida precárias aos residentes urbanos, atingindo principalmente as classes sociais mais carentes.

Assim a universalização dos serviços de saneamento e o fortalecimento da participação das comunidades, estão como agentes ativos para promover uma melhoria e trazer para esses lugares uma melhor assistência que possibilitará mudanças positivas e efetivas na vida dessa população.

Nota-se que a melhoria dos serviços de saneamento básico, e a participação e inclusão da população dos conjuntos habitacionais devem ser analisadas, estabelecendo assim, pontos de discussão para melhoria de sua

infraestrutura e adequá-las dentro dos parâmetros básicos do saneamento domiciliar.

Com base nos argumentos mencionados acima, a presente pesquisa objetivou analisar as condições socioeconômicas e infraestruturas de saneamento domiciliar dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas/MS, visando subsidiar ações de planejamento habitacional popular.

## **METODOLOGIA**

A abrangência que se insere em uma pesquisa é algo que pode encaminhar diversos processos e conclusões, sendo assim em primeira instância deve-se buscar informações referentes ao tema abordado, sendo neste caso, o estudo do perfil socioeconômico e saneamento básico domiciliar dos conjuntos habitacionais, numa abordagem de adequação.

Para entender a evolução das cidades é preciso entender a trajetória histórica estruturação urbana da Cidade avaliando os aspectos socioespaciais, além dos aspectos relacionados aos fatores culturais e econômicos. Esse levantamento indica elementos fundamentais para análise e descrição do local estudado. Esse entendimento do que é a cidade e quais as suas funcionalidades nos permite aplicar esse conhecimento em determinados objetos que a configura, sendo evidenciado aqui os conjuntos habitacionais que são moradias construídas em bairros da cidade e que formam uma nova dinâmica socioespacial.

Partindo da discussão de Cavinatto (2003) a partir do momento em que a humanidade passou a desenvolver o desmatamento e as agriculturas tiveram início os processos de modificação dos recursos naturais como o solo e a água. Com o crescimento e aumento de produções para atender as necessidades humanas os locais mais propícios a plantação, criação e extração de minerais trouxeram aglomeração de pessoas em determinados lugares formando-se as primeiras aldeias e com isso criou-se nesse local uma infraestrutura domiciliar que não possuía ainda uma infraestrutura de saneamento.

E já neste momento a população das cidades começa a crescer e assim desenvolve-se os primeiros problemas devido à falta de ordenamento daquele espaço. Nas palavras de Ayach (2002) A Concentração Humana acarreta uma série de dificuldades para sobrevivência e busca da qualidade de vida devido a condições que determinada parcela de população vivencia em suas cidades ligadas intimamente com a questão de moradia.

Porém, a melhoria nas condições dos ambientes urbanos exige, orçamento dos Cohabs elevados investimentos em infraestrutura, e quanto maior o adensamento populacional, mais elevados os custos para implantação

de sistemas de assistência de saneamento, pois, a expansão de uma cidade implica no surgimento de periferias ou mesmo casas populares que são afastadas da área central e estas em si em maior parte das vezes não recebem assistência de infraestrutura adequada.

Vetter e Simões (1981) salientam que o rendimento per capita mensal familiar e um conjunto de fatores, tais como densidade populacional, condições do solo e a qualidade do sistema além de um conjunto de bens e serviços coletivo como: acesso à infraestrutura de saneamento básico, instalação de água e esgoto sanitário adequados são fatores essenciais para uma boa qualidade de vida.

Para diagnosticar as condições domiciliares de saneamento básico domiciliar, mais especificamente quando o abastecimento de água, esgotamento sanitário dos COHAB da Cidade de Três Lagoas foram adotadas nesta pesquisa os conceitos de adequação definidos por Vetter e Simões (1981) as quais fazem uma análise das condições sanitárias através dos conceitos de adequação ou Inadequação. Porém nessa pesquisa adotou-se apenas o conceito de adequação, sendo que primeiramente ocorreu a saída de campo junto com a aplicação dos questionários que proporcionou a coleta de dados quantitativos e qualitativos.

Com relação ao emprego do método ou abordagem qualitativa esta difere do quantitativo pelo fato de não empregar dados estatísticos como centro do processo de análise do problema. A diferença está no fato de que o método qualitativo não tem a pretensão de numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas. Uma das maneiras que os pesquisadores utilizam para transformar dados qualitativos em quantitativos consiste em empregar como parâmetro o uso de critérios, categorias, escalas de atitudes ou, ainda, identificar com que intensidade, ou grau, um determinado conceito, uma opinião, um comportamento se manifesta (OLIVEIRA, 1999, p.116).

Primeiramente empregou-se a abordagem qualitativa que não tem como enfoque enumerar e sim analisar e perceber informações que sejam relevantes para o desenvolvimento da pesquisa e descrição do objeto de estudo, como por exemplo, no momento da entrevista com os moradores que durante as perguntas muitas vezes descreviam outros fatos fora das perguntas do questionário.

Depois de efetuada essa primeira etapa em que informações foram coletadas não somente através das perguntas feitas, mas de momentos em que se obteve relatos do cotidiano dos moradores, deu-se início ao segundo momento da pesquisa a compilação dos dados no qual aplicou-se o método quantitativo.

Um fator relevante e determinante para o norteamento dessa pesquisa foi a elaboração e aplicação dos questionários que já foram mencionados acima, e através desse processo foram obtidos os dados que se tornaram base para a construção teórico- metodológico e censitária da pesquisa.

Uma vez decidida a forma de operacionalização dos conceitos podemos partir para o levantamento de informações que pode ser feito de forma direta e, através de entrevista, questionários tomados de medidas no campo, ou indireta, através de dados censitários, cadastrais, mapas, fotografias ou imagens aéreas (GERARD; SILVA, 1981, p.10).

Tendo como base a definição de Gerard e Silva pode-se afirmar que os questionários é uma base fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, e através dos dados coletados é possível estabelecer um perfil dos moradores dos conjuntos habitacionais e da infraestrutura sanitária dos domicílios. E para aplicação dos questionários foi realizado o trabalho de campo que evidencia os fatos e vão além dos pensamentos e conclusões do pesquisador, estabelece o contato com o objeto de estudo e a população que ali reside e com isso transparece fatores essenciais para a pesquisa.

Devido à evolução urbana da cidade de Três Lagoas, projeta-se uma constante mudança e reconfiguração do modo de morar, que estabelece no espaço da cidade uma nova dinâmica socioespacial, dentre esses aspectos evolutivos torna-se relevante analisar quais os meios que levam esse novo modo de residir, como estão assistidas essas moradias e qual o perfil dos moradores que ali residem e no caso deste trabalho serão analisados dez conjuntos habitacionais (figura 2) que foram entregues dentre os anos de 2006 a 2012.

Ao analisar os aspectos supramencionados obteve-se informações que levaram aos seguintes resultados: levantamento das condições socioeconômicas domiciliares dos 10 conjuntos habitacionais entregue aos respectivos moradores nos anos de 2006 a 2012, levantamento das condições

sanitárias domiciliares dos COHAB (abastecimento de água, esgotamento sanitário e disposição dos resíduos sólidos), qualificação da infraestrutura sanitária domiciliar, segundo o critério de adequação de Vetter e Simões (1981).

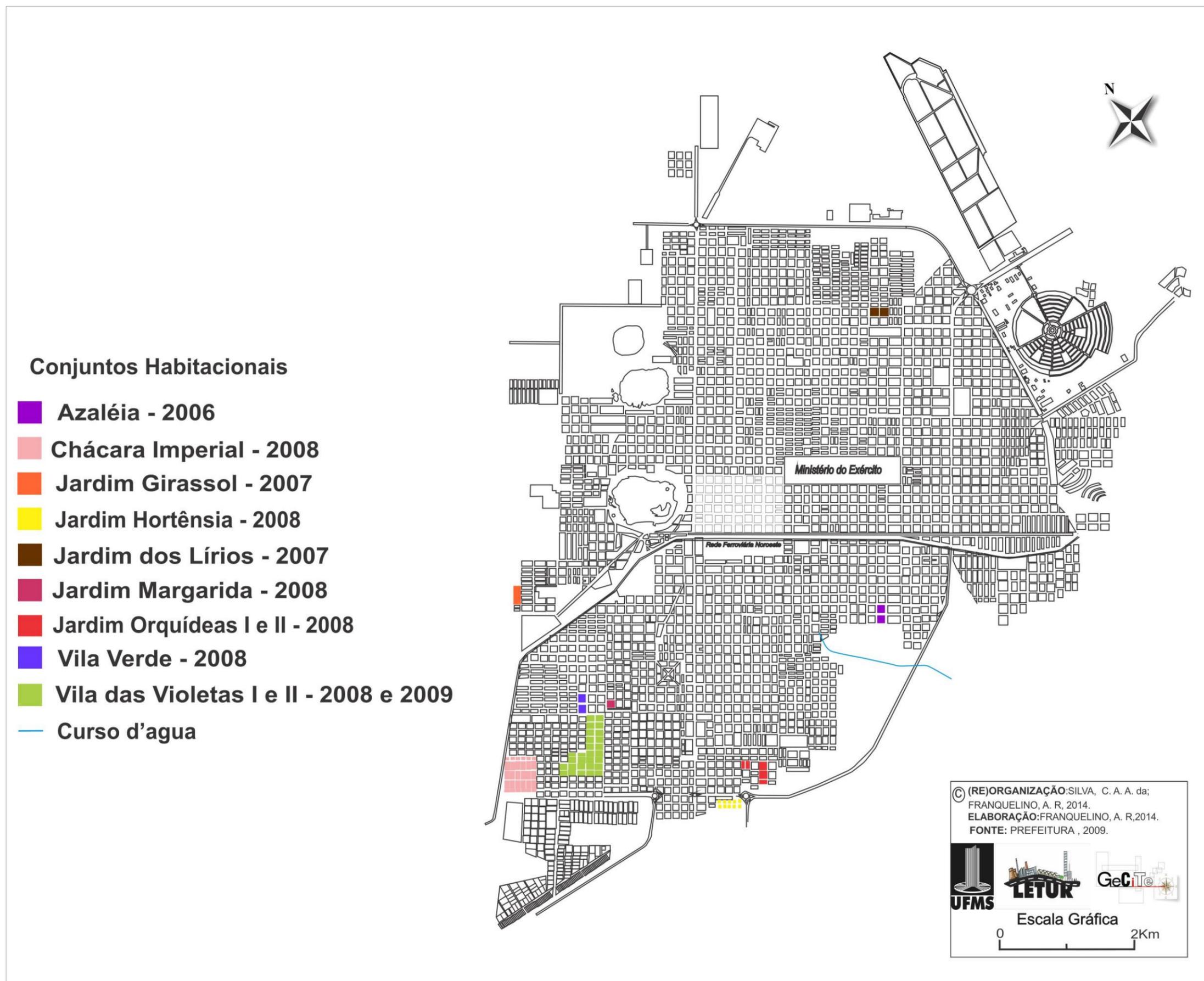


Figura 2: Localização dos Conjuntos Habitacionais da cidade de Três Lagoas

## **1 - CONJUNTOS HABITACIONAIS EM TRÊS LAGOAS: UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO**

Em 1940, o Brasil possuía uma população urbana de 26,3% do total, já em 2000 ela é de 81,2%. Esse crescimento se mostra mais impressionante se analisarmos que em 1940 a população que residia nas cidades era de 18,8% Milhões de habitantes, e em 2000 ela é de aproximadamente 138 milhões. Diante desses dados nota-se o crescimento dos assentamentos urbanos, que não estavam preparados para abrigar 125 milhões de pessoas em um período de sessenta anos; por não possuir equipamentos e serviços adequados para receber esse elevado número de população. Assim surge o “improvisado” e ocupações irregulares da terra urbana (MARICATO, 2008).

Cabe salientar também alguns processos socioeconômicos que ocorreram no Brasil a partir de 1950, o incentivo ao desenvolvimento do país levou a construção de um grande número de fábricas, que formavam às vezes verdadeiros parques industriais, especialmente na cidade de São Paulo. Mas nesta década de 50 esse processo pode ser notado em diversas cidades e podemos trazer para realidade da Cidade de Três Lagoas que passa por um crescimento populacional que leva a formação de novos bairros e conjuntos habitacionais devido a necessidade de expansão (CAVINATTO,2003).

O ano de 1950 foi marcado também pela inserção subalterna do país na divisão internacional do trabalho, além das mudanças significativas no modo de vida dos consumidores e também na habitação e nas cidades. Assim Maricato, aponta que:

Com a massificação do consumo dos bens modernos, especialmente os eletros- eletrônicos, e também automóvel mudaram radicalmente o modo de vida, os valores, a cultura e o conjunto do ambiente construído. Da ocupação do solo urbano até o interior da moradia, a transformação foi profunda, o que não significa que tenha sido homogeneamente moderna (MARICATO, 2008, p.19).

Com essa massificação e oportunidades de compra, a aquisição de bens não estava mais restrita as faixas de maior renda, sendo assim um atrativo para cada vez mais a população migrar para as cidades e principalmente para os grandes centros urbanos, ocasionando o crescimento das cidades e problemas urbanos. Assim sendo, essa visibilidade de oportunidades para melhorar de vida, está atrelada ao processo de industrialização.

Com o aumento do contingente migratório das regiões pobres para as regiões que passavam por um avançado processo de industrialização, e que por sua vez ,ofereciam oportunidades de emprego/trabalho ,houve uma influencia direta para o inchaço das cidades ,que logo passaram a ser grandes metrópoles ,e em pouco tempo evidenciavam-se problemas na sua infraestrutura, por falta de assistência em seu ordenamento e planejamento urbano. No caso da cidade de Três Lagoas ,delimita-se como cidade de médio porte , porém já possui alguns problemas urbanos que no decorrer de sua expansão podem ser agravados.

São estas disparidades sócias- econômicas que respondem – muitos mais do que as diferenças naturais – para que nossas cidades sejam organismos carentes e incompletos. Mesmo – talvez, sobretudo – as maiores metrópoles, onde o improvisado superara de muito o planejado, são deficitárias em saneamento básico e infraestrutura urbana. O deslocamento dos contingentes migratórios das regiões pobres para as mais bem encaminhadas em desenvolvimento torna as grandes cidades inchadas e deficitárias (MONTEIRO, 1995, p.392).

Todo processo de produção econômica traz consigo o crescimento e desenvolvimento, e proporciona melhorias ao lugar que está sendo empregado, mas como já foi mencionado, há falta de ordenamento e planejamento urbano, que desenfreia diversos problemas, e na maioria das vezes, afeta as classes deficitárias economicamente. Porém para os administradores e investidores, todos esses requisitos não influenciam no desenvolvimento da cidade, afinal busca-se a lucratividade. Além dos administradores e investidores, o estado tem papel primordial para o andamento do processo de configuração do espaço urbano. Segundo Corrêa o Estado refere-se ao fato:

[...] atuar diretamente como grande industrial, consumidor de espaço e de localizações específicas, proprietários fundiários e promotor imobiliário, sem deixar de ser também um agente de regulação do uso do solo e alvo dos chamados movimentos sociais urbanos. Assim, ao implantar uma refinaria de petróleo, o Estado está organizando diretamente o espaço urbano, ao mesmo tempo que interfere, dada a natureza da atividade industrial, no uso da terra das áreas próximas. As terras públicas são reserva fundiária que o Estado dispõe para usos diversos no futuro, inclusive para negociações com agentes sociais, Através de órgãos como a COHAB, por outro lado, o Estado tornou-se promotor imobiliário (CORRÊA,1995, p.24).

A partir da abordagem de Corrêa, fica evidente que na cidade de Três Lagoas, ocorre uma grande interferência do Estado, ressaltando que este pode ser: federal, estadual e municipal. E sua atuação é fundamental para criação de condições que viabilizem o processo de acumulação e reprodução das classes sociais e suas frações, sendo abordado nessa pesquisa as classes pertencentes aos COHAB da cidade de Três Lagoas.

Após a breve discussão, cabe salientar e compreender o que é o espaço urbano, tendo como denominação exemplificada aqui por Corrêa (1995):

O espaço urbano de uma grande cidade capitalista constitui-se, em primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justaposto entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local e concentração de atividades comerciais, de serviços, e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão (p.7).

Na sociedade verifica-se diferenças de classes, principalmente no capitalismo, como em países da América Latina. Dentro dessas diferenças a que se evidencia é a questão da habitação, pois, grande parcela da população não tem acesso por não possuir renda para pagar o aluguel, e tão pouco para adquirir um imóvel. Neste momento, nos deparamos com a exclusão social, que não está ligado apenas a questão da habitação, mas também com o acesso a saúde, escola, emprego entre outros direitos essenciais para a formação e condição social de um cidadão.

Para inclusão desse cidadão no processo de habitação, ou seja, proporcionar que este tenha uma moradia, em primeira instância deve ser adequada infraestrutura e serviços (rede de água, rede de esgoto, rede de drenagem, transporte, coleta de lixo), e como já mencionado acima equipamentos de educação e saúde.

[...] Há uma necessidade de investimentos sobre a terra para que ela ofereça condições viáveis de moradia em situação de grande aglomeração. Com esses investimentos conferem rendas aos proprietários fundiários e imobiliários, a disputa pelas localizações e pelos os investimentos públicos nas cidades é crucial (MARICATO, 2008, p.119).

Por isso, além do papel do Estado ser fundamental, os investimentos de proprietários e imobiliários tornam-se primordiais para a construção de moradias, sendo assim, os principais produtores do espaço urbano são: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores

imobiliários e o Estado, onde cada um possui o seu papel (re) produção do espaço urbano.

### **1.1 - Moradia popular na cidade de Três Lagoas**

Cabe aqui salientar como é classificada cidade média, para que se possa ter o entendimento da função da cidade de Três Lagoas no contexto brasileiro, sendo assim cidade média estariam entre o limite de 100 mil e no máximo de 350 mil habitantes. Essas cidades estão em constante transição e tem passado por variadas transformações, devido às alterações do sistema capitalista e a inserção de novos modos de produção, no caso a cidade de Três Lagoas se enquadra ainda em processo de industrialização (EGLER, C. A .G., MENDES, C. C., FURTADO, B. A., PEREIRA, R. H. M, 2011).

A cidade de Três Lagoas a partir do ano de 2006 iniciou uma transição do meio de produção econômico agropecuário para o agronegócio devido o início construção das fábricas de papel e celulose (VCP, atual FIBRIA e International Papel) e no ano de 2008 iniciou-se uma a preocupação de aumentar a demanda de construção de moradias, e fortalecer os investimentos para amenizar muita procura e pouca oferta de moradias, pois, nos anos mencionados as unidades habitacionais eram muito pequenas em relação ao déficit habitacional vigente na cidade de Três Lagoas (ARANHA-SILVA, 2010).

Essas novas atividades econômicas colaboraram diretamente para a mudança das características da habitação da cidade, no caso de Três Lagoas do ano de 2006 a 2012 uma nova configuração socioespacial surgiu, como exemplificações podemos mencionar: condomínios fechados direcionados a classe média e classe média alta, novos bairros segregados espacialmente que também atende essas classes sociais, moradias padronizadas e assistidas por uma infraestrutura adequada direcionada aos empregados das grandes indústrias instaladas na cidade e também os conjuntos habitacionais destinados à classe de baixa renda.

Espacialmente mudam as características de habitação. É suficiente observar qualquer cidade para verificar que há uma grande diferenciação entre as características de moradias dos bairros, tamanho dos lotes das construções, da “conservação”, de acabamento das casas, ruas – asfaltos ou não -, a existência de

iluminação, esgotos, etc. para se ter uma noção de segregação espacial (RODRIGUES, 1990, p.11).

A criação dos conjuntos habitacionais se expandiu para as áreas segregadas da cidade, tornando-se assim um fator relevante de problemas na assistência dos equipamentos urbanos, devido à falta de acesso aos serviços públicos, à distância dos locais de trabalho, entre outros fatores que dificultam a vida dos moradores.

Com o crescimento populacional e nova dinâmica urbana de Três Lagoas (introdução de capitais com diferentes e novas lógicas de atuação), houve expansão territorial da cidade, ampliando a diferenciação social e consentindo a prática da segregação urbana. Kowarick (2000) alude, que o papel do Estado é fundante na (des) e (re)territorialização urbana, por meio de volumosos investimentos no tecido urbano, criando novas periferias, que ampliam as manchas urbanas em núcleos desprovidos de infraestrutura e de serviços urbanos, nos quais os moradores de baixa renda obtêm sua moradia, seja pela autoconstrução seja nos conjuntos habitacionais produzidos pelo próprio Estado (ARANHA-SILVA, 2010, p.15).

Conforme elucida Aranha – Silva (2010), na discussão apontada acima o morador de baixa renda da cidade obtém suas moradias conforme surgem facilidades de baixo custo, afinal estes indivíduos pertencem a uma classe menos abastadas que enfrenta grandes dificuldades por se inserir num meio social deficitário.

## **1.2 - Conjuntos Habitacionais em Três Lagoas**

Os pressupostos anteriormente discutidos possibilitaram o entendimento sobre habitação, moradia popular e um parâmetro referente à questão social envolvida nesses contextos, sendo analisados nesta pesquisa 10 conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas/MS (Quadro 1).

Diante as informações coletadas e discutidas entendem-se que morar é necessário, pois, é uma condição social de direito de todos os cidadãos,

podendo ser considerada uma necessidade básica dos indivíduos. Segundo Rodrigues (1990), a moradia pode ser definida como o lugar onde se:

[...] realizam outras necessidades; além de ser o abrigo, é onde se dorme, tem-se privacidade, fazem-se as refeições, realiza-se a higiene pessoal, convive-se com o grupo doméstico, etc. A moradia também é local de trabalho: sempre se trabalha na casa para a própria manutenção, como lavar, cozinhar, passar e, muitas vezes, para a concretização de um valor em dinheiro, para a subsistência (p.11).

Sendo assim é possível afirmar que os moradores dos COHABs, possuem uma moradia, devido ser o “abrigo” no qual eles residem e estabelecem suas relações interpessoais e sociais dentro da comunidade, configurando assim um processo socioespacial e de organização no espaço habitado, concentrando suas atividades produtivas e projetando ali sua identidade advinda do modo de vida e meios de produção de sua população.

Assim infere-se que o espaço urbano é fragmentando e articulado. Cada uma de suas partes mantém relações com as demais, mas definem suas particularidades em um conjunto de símbolos possuindo diferentes formas espaciais. Dentro dessa discussão pode-se abordar a questão da segregação socioespacial, na qual os COHAB (Figura 3,4,5,6) estudados estão inseridos, e por mais que as partes se articulem pelo fato de estarem contidas numa mesma configuração espacial, elas se fragmentam por estarem delimitadas a um espaço restrito, naquela parcela que os grupos sociais habitam e delineiam suas atividades cotidianas.

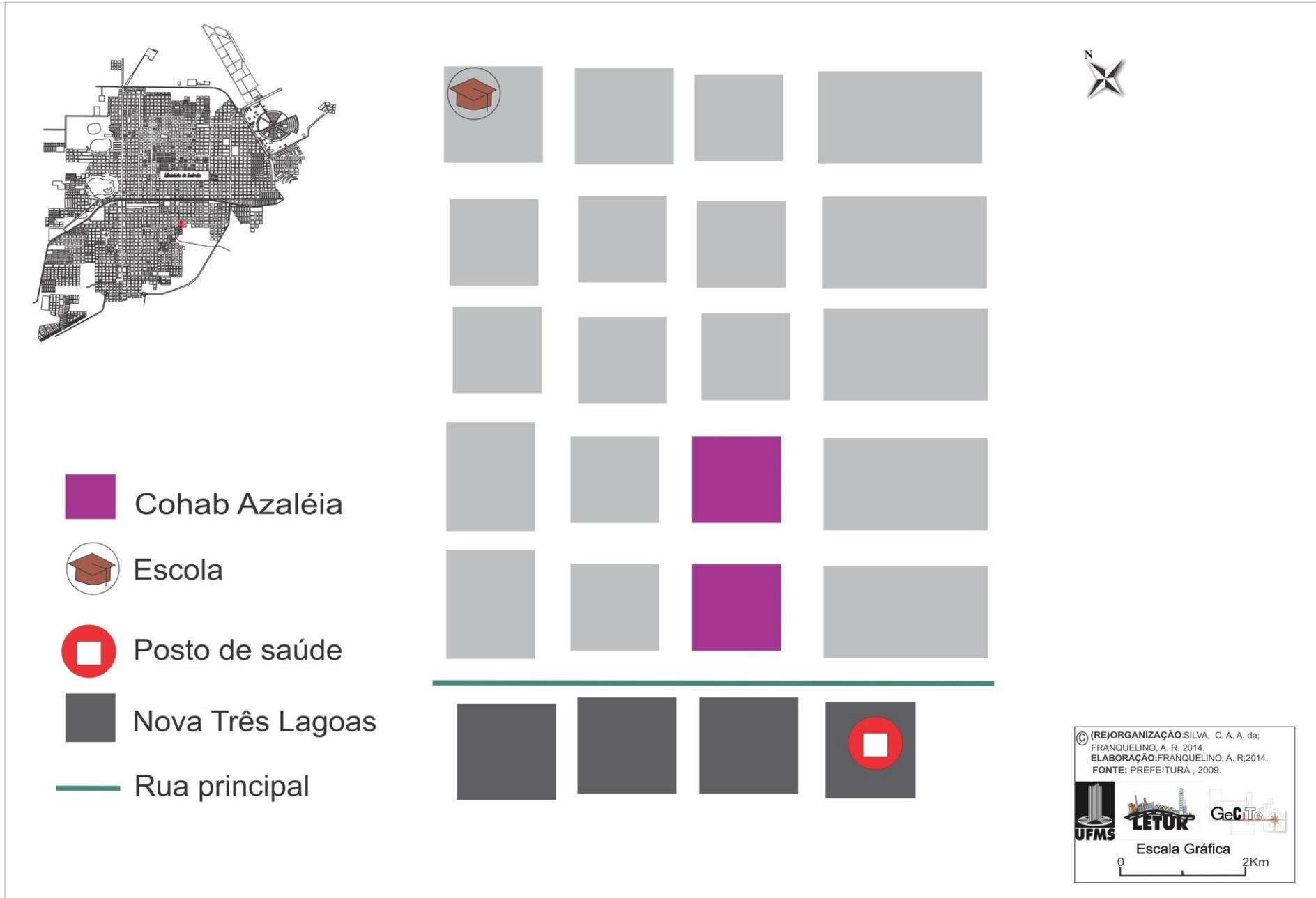
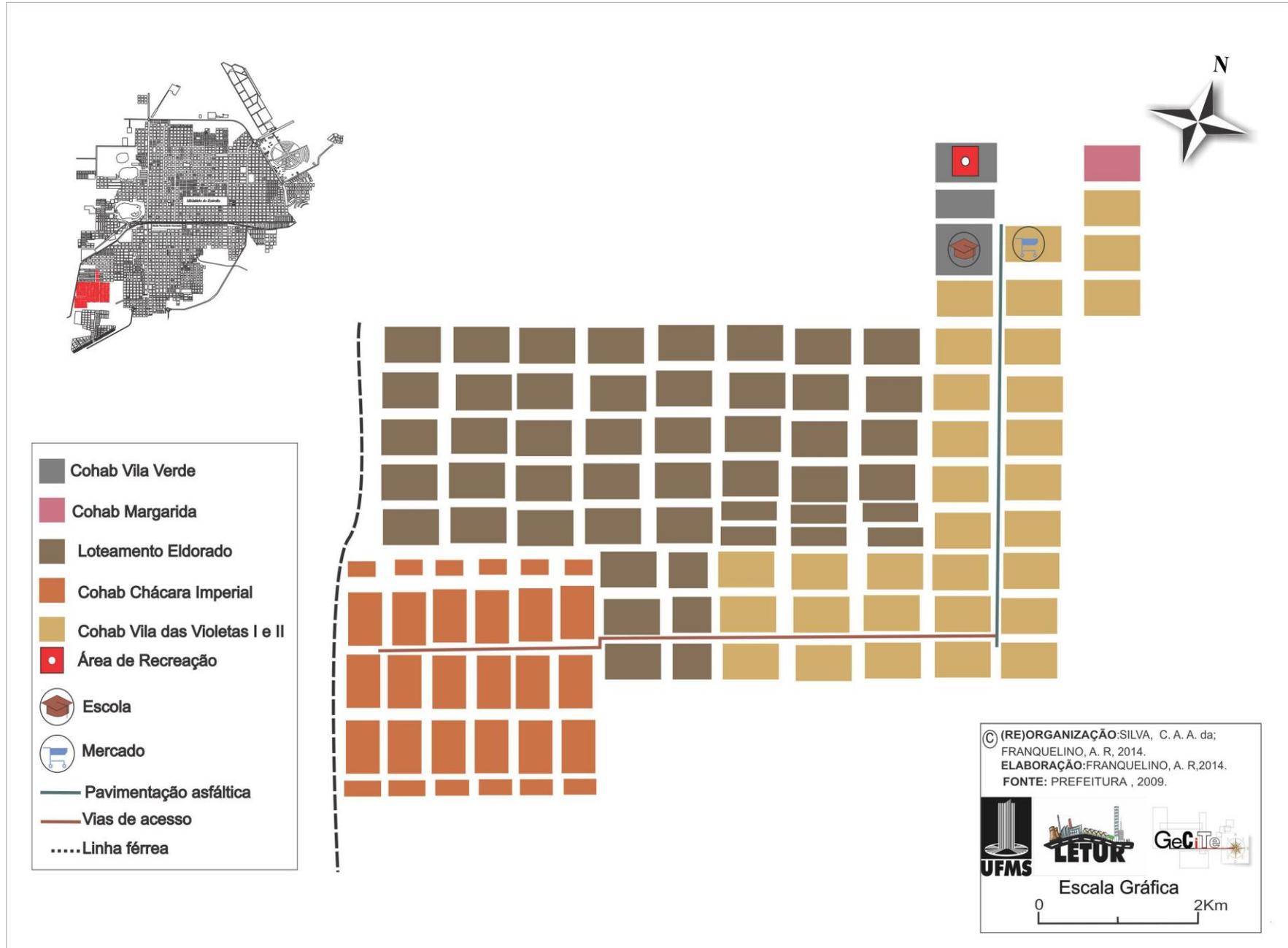


Figura 3: Croqui do Conjunto Habitacional Azaleia



**Figura 4:** Croqui dos Conjuntos Habitacionais Margaridas, Imperial, Violetas I e II.



Figura 5: Croqui do Conjunto Habitacional Girassóis.

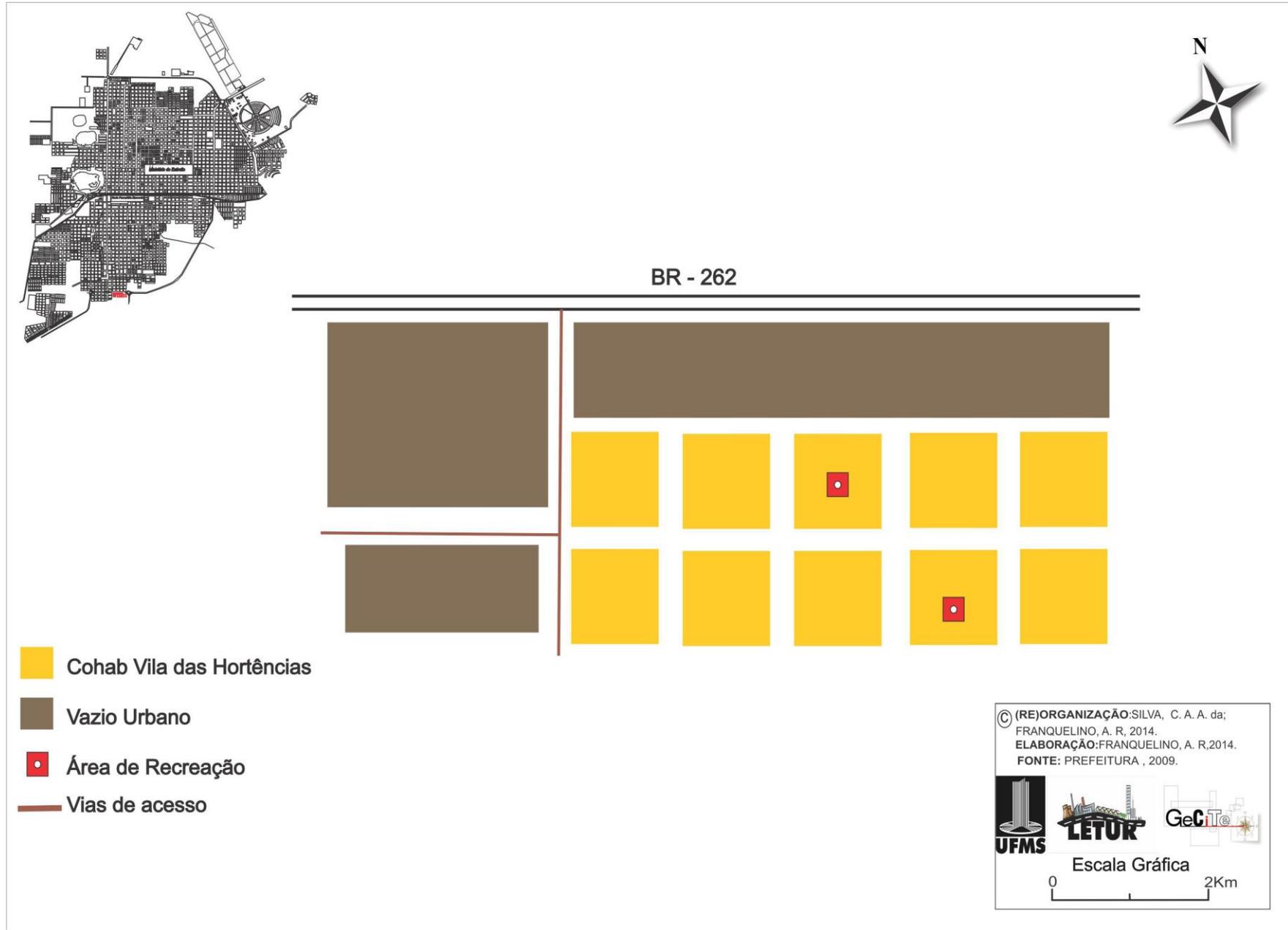


Figura 6: Croqui do Conjunto Habitacional Hortências.

## 2 - CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS/MS

O presente capítulo aborda a discussão de informações relacionadas às condições domiciliares socioeconômicas dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas/MS (Quadro 1), de acordo com os dados coletados na pesquisa amostral de campo conforme já mencionado anteriormente.

Os aspectos socioeconômicos analisados neste capítulo referem-se à média e o total de moradores de moradores por conjuntos habitacionais, faixa etária, escolaridade, renda domiciliar, rendimento domiciliar per capita rendimento extra, pagamento das moradias, pagamento de água e tempo de atividade de trabalho.

**Quadro 1:** Conjuntos Habitacionais em Três Lagoas/MS (2006-2009).

<b>Nome dos Conjuntos Habitacionais</b>	<b>Quantidade de domicílios</b>	<b>Ano de entrega</b>
Jd. Azaleia	26	2006
Jd. Girassóis	28	2007-2008
Jd. das Orquídeas I	76	2007-2008
Jd. dos Lírios	32	2007-2008
Jd. das Violetas I	240	2008-2009
Jd. Margaridas	17	2008-2009
Jd. das Orquídeas II	30	2008-2009
Chácara Imperial	191	2008-2009
Jd. das Hortênsias	15	2007-2009
Jd. das Violetas II	215	2009
<b>Total de unidades habitacionais:870</b>		

**Fonte:** Departamento de Habitação Três Lagoas/MS (Nov./2013).

**Reorganização:** ALVES SILVA, C.A.,2014.

Como amostragem foi realizada aplicação de questionários (Anexo 1) nos 10 COHAB (Figura 2), levou-se em consideração para coleta de dados

significativos o total de domicílios de cada conjunto , que resulta num total geral de 870 domicílios e para obter 30% de amostra desse total, aplicou-se 262 questionários, portanto foi possível obter um número relevante de informações sobre as condições socioeconômicas dos seus moradores.

Cabe salientar que os dados obtidos junto a Prefeitura Municipal de Três Lagoas, quanto ao número de unidades habitacionais não correspondem ao total averiguado em trabalho de campo. Entretanto, como não se aplicou questionário em todas as moradias, pelo número de casas, optou-se por considerar os dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Habitação, com exceção do Conjunto Habitacional das Hortênsias, que pelo pequeno número de unidades, aplicou-se questionário em todas, perfazendo um total de apenas 15 casas e não 60 casas, conforme consta na fonte de pesquisa.

## **2.1 - Média e total de moradores por conjunto habitacional**

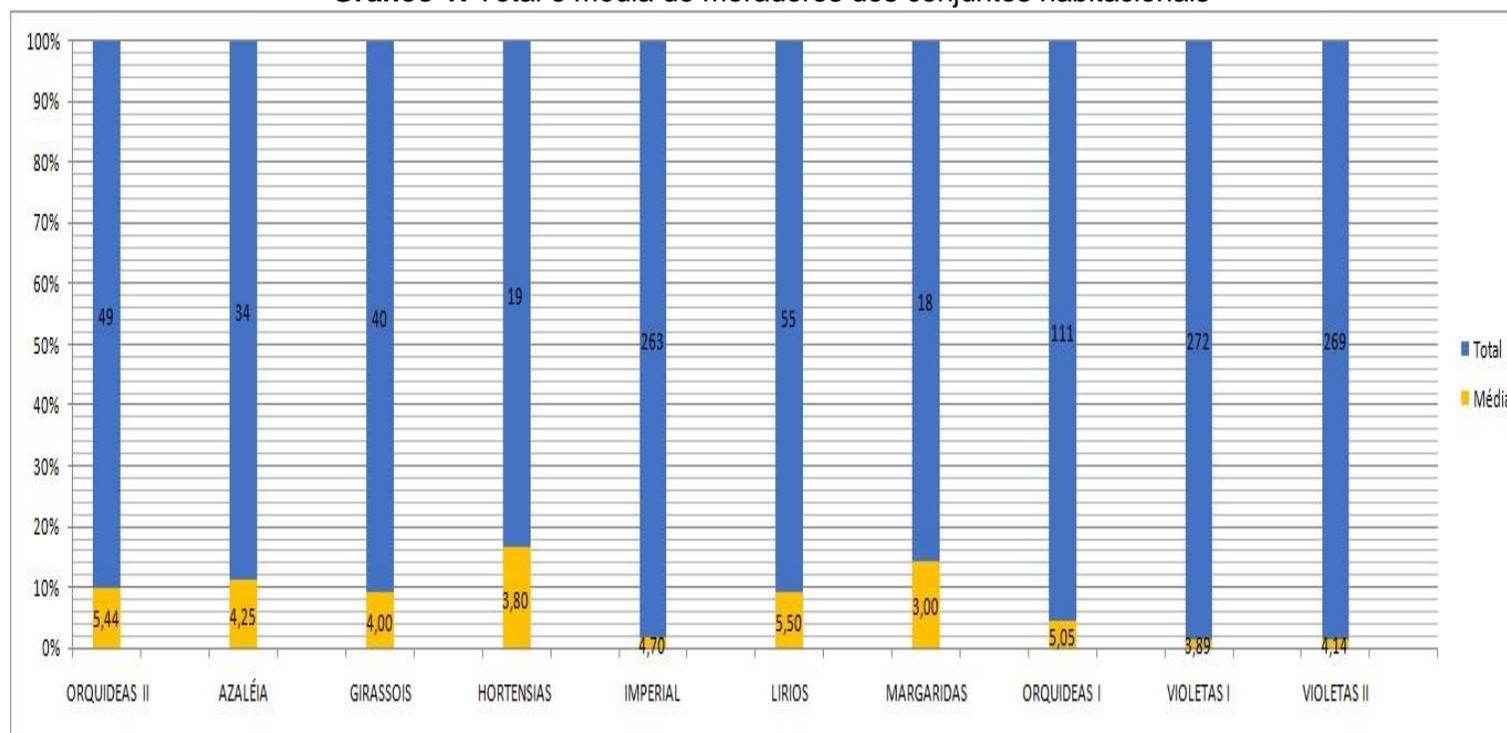
Como já fora mencionado foram entrevistados moradores de 262 domicílios, que resultaram em 30% da amostragem total dos domicílios, nos quais contabilizaram a coleta de dados referentes a informações que permitiram entender o perfil socioeconômico de todos os moradores. A soma total resultou num número de 1130 pessoas, sendo 111 pertencentes ao Cohab Orquídeas I, 49 ao Orquídeas II, 34 moradores ao Azaleia, 40 pertencentes ao Girassóis, 19 ao Cohab Hortênsias, 263 ao Imperial, 55 ao Lírios, 18 referentes ao Margaridas, 272 ao Violetas I e 269 pertencentes ao Violetas II. (Gráfico 1 e Tabela 1).

Sendo assim, através desse número total de moradores obteve-se um parâmetro sobre suas condições socioeconômicas e com isso entender por meio dos dados, qual o padrão social que estes se inserem e com isso também vislumbrar e apontar as dificuldades encontradas no local em que vivem.

**Tabela 1:** Total e média de moradores dos conjuntos habitacionais

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
	Quantidade de									
Média	5,44	4,25	4,00	3,80	4,70	5,50	3,00	5,05	3,89	4,14
Total	49	34	40	19	263	55	18	111	272	269

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 1:** Total e média de moradores dos conjuntos habitacionais

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

## **2.2 - Faixa etária dos moradores dos conjuntos habitacionais**

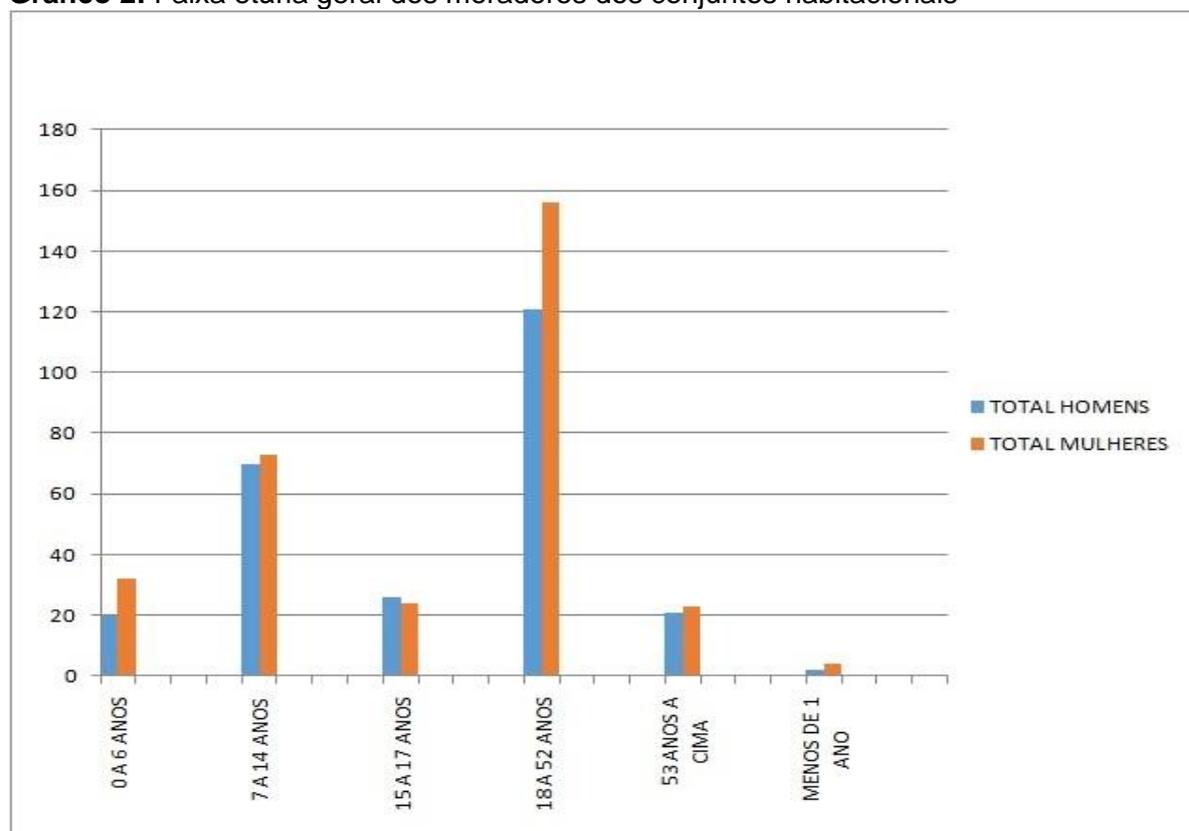
Em relação à faixa etária geral, 20 homens e 32 mulheres pertencem à classe de 0 a 6 anos, 70 homens e 72 mulheres a classe de 7 a 14 anos, 26 e homens e 24 mulheres a classe de 15 a 17 anos, 121 homens e 156 mulheres pertencem a classe de 18 a 52 anos, 21 homens e 23 mulheres a classe de 53 anos acima e dois homens e quatro mulheres menos de 1 ano. . (Gráfico 2 e Tabela 2).

A divisão das classes foi elaborada através das idades pertencentes à escolaridade, de 0 a 6 anos ficam em casa com as mães que não trabalham ou vão para creche e pré- escolas de 7 a 14 anos estão no ensino fundamental, de 15 a 17 anos no ensino médio, e de 18 a 52 anos iniciam no ensino superior e se inserem no mercado de trabalho, porém muitos antes da maior idade por projetos de menor aprendiz já tem um vínculo empregatício, e relacionado as classe mencionadas anteriormente tem as exceções devido aos que reprovam de série ou param de estudar. E com menos de um ano se encaixam os recém-nascidos.

**Tabela 2:** Faixa etária geral dos moradores dos conjuntos habitacionais

GERAL						
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES	AL MULHE
0 A 6 ANOS	A	10	5	20	32	-32
		21	13			
		1	2			
		0	0			
7 A 14 ANOS	B	25	29	70	73	-73
		45	38			
		3	3			
		0	0			
15 A 17 ANOS	C	11	11	26	24	-24
		11	13			
		2	2			
		0	0			
18 A 52 ANOS	D	134	105	121	156	-156
		19	14			
		3	2			
		0	0			
53 ANOS A CIMA	E	23	20	21	23	-23
		0	1			
		0	0			
		0	0			
MENOS DE 1 ANO	AB	0	2	2	4	-4
		4	0			
		0	0			
		0	0			

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

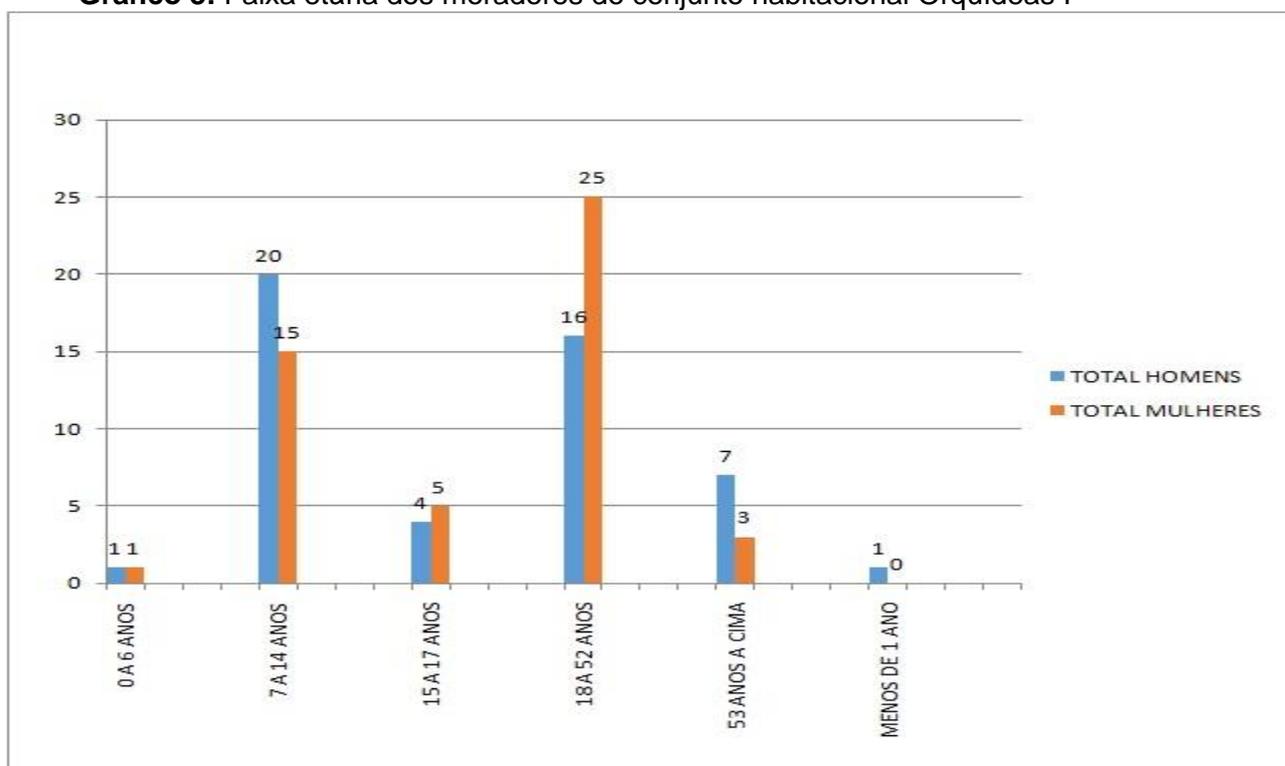
**Gráfico 2:** Faixa etária geral dos moradores dos conjuntos habitacionais

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 3:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas I

ORQUÍDEAS I					
FAIXA ETÁRIA	CLASSE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	0	0	1	1
		1	0		
		0	1		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	4	7	20	15
		10	12		
		1	1		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	5	2	4	5
		0	2		
		0	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	22	14	16	25
		3	2		
		0	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	3	6	7	3
		0	1		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	1	1	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

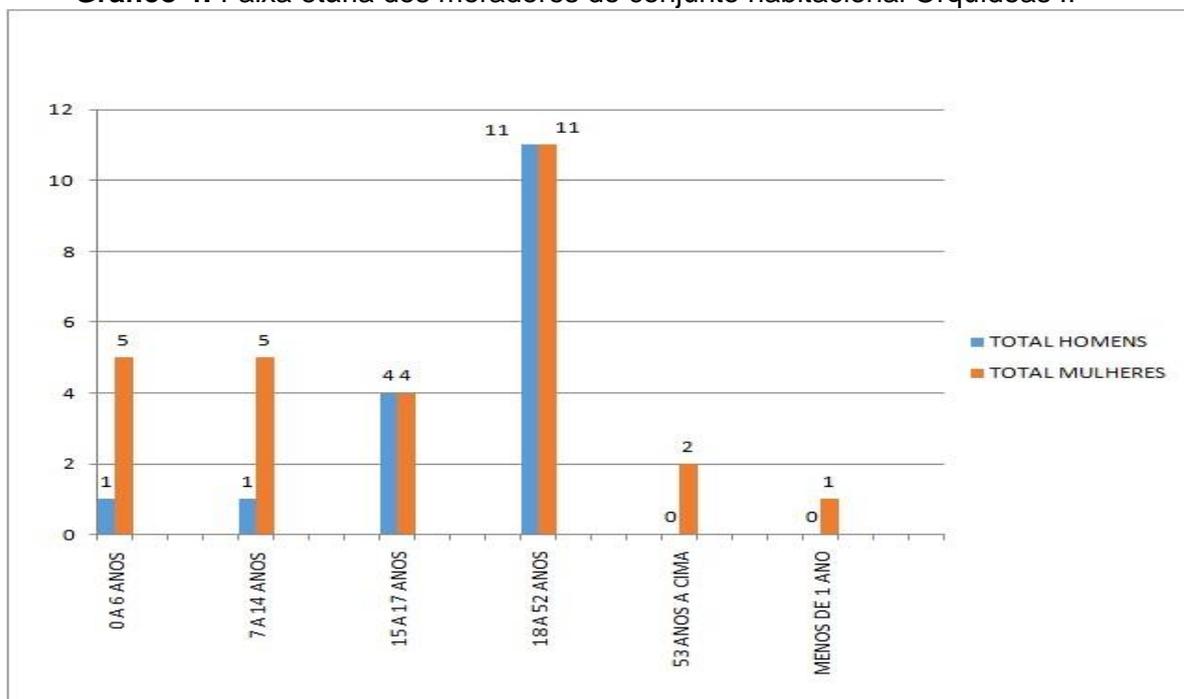
**Gráfico 3:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas I

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 4:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas II

ORQUÍDEAS II					
FAIXA ETARIA	CLASSE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	1	0	1	5
		3	1		
		1	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	1	0	1	5
		4	1		
		0	0		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	3	0	4	4
		1	4		
		0	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	9	11	11	11
		2	0		
		0	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	2	0	0	2
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	1
		1	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

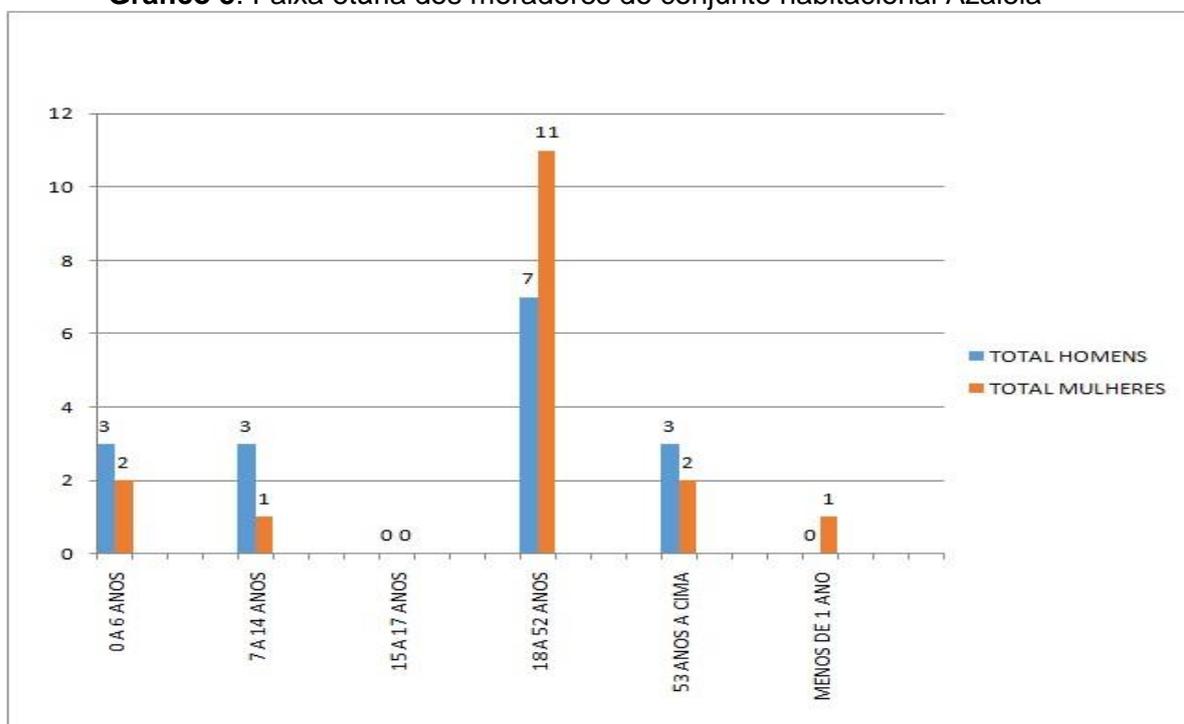
**Gráfico 4:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Orquídeas II

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 5:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Azaleia

AZALEIA					
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	0	0	3	2
		2	3		
		0	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	1	3	3	1
		0	0		
		0	0		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	0	0	0	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	9	5	7	11
		2	2		
		0	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	2	3	3	2
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	1
		1	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

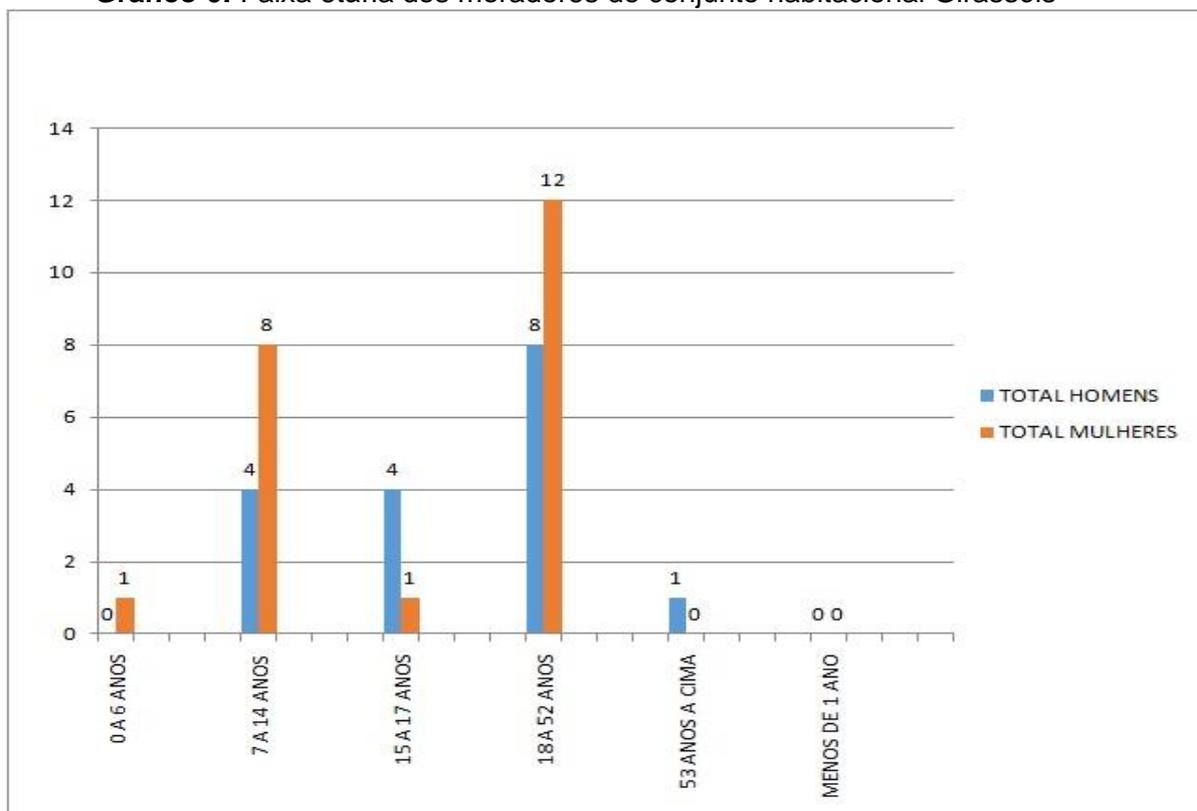
**Gráfico 5:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Azaleia

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 6:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Girassóis

GIRASSOIS					
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	1	0	0	1
		0	0		
		0	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	4	2	4	8
		4	1		
		0	1		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	0	2	4	1
		1	2		
		0	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	10	7	8	12
		2	1		
		0	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	0	1	1	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 6:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Girassóis

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 7:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Hortênsias

HORTENSIAS					
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	1	0	0	2
		1	0		
		0	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	0	1	3	1
		1	2		
		0	0		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	0	0	0	1
		1	0		
		0	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	4	5	5	4
		0	0		
		0	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	1	1	1	1
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

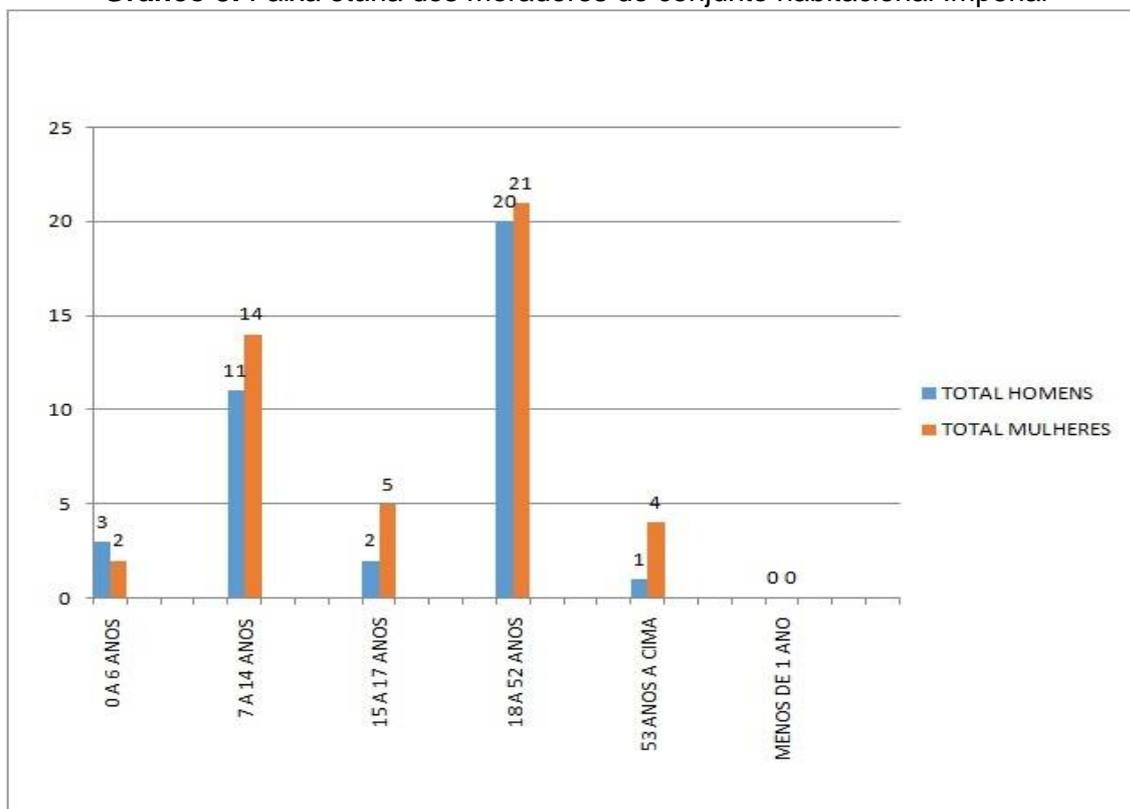
**Gráfico 7:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Hortênsias

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 8:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Imperial

IMPERIAL					
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	0	3	3	2
		2	0		
		0	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	7	3	11	14
		7	8		
		0	0		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	0	0	2	5
		4	2		
		1	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	18	17	20	21
		3	2		
		0	1		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	4	1	1	4
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

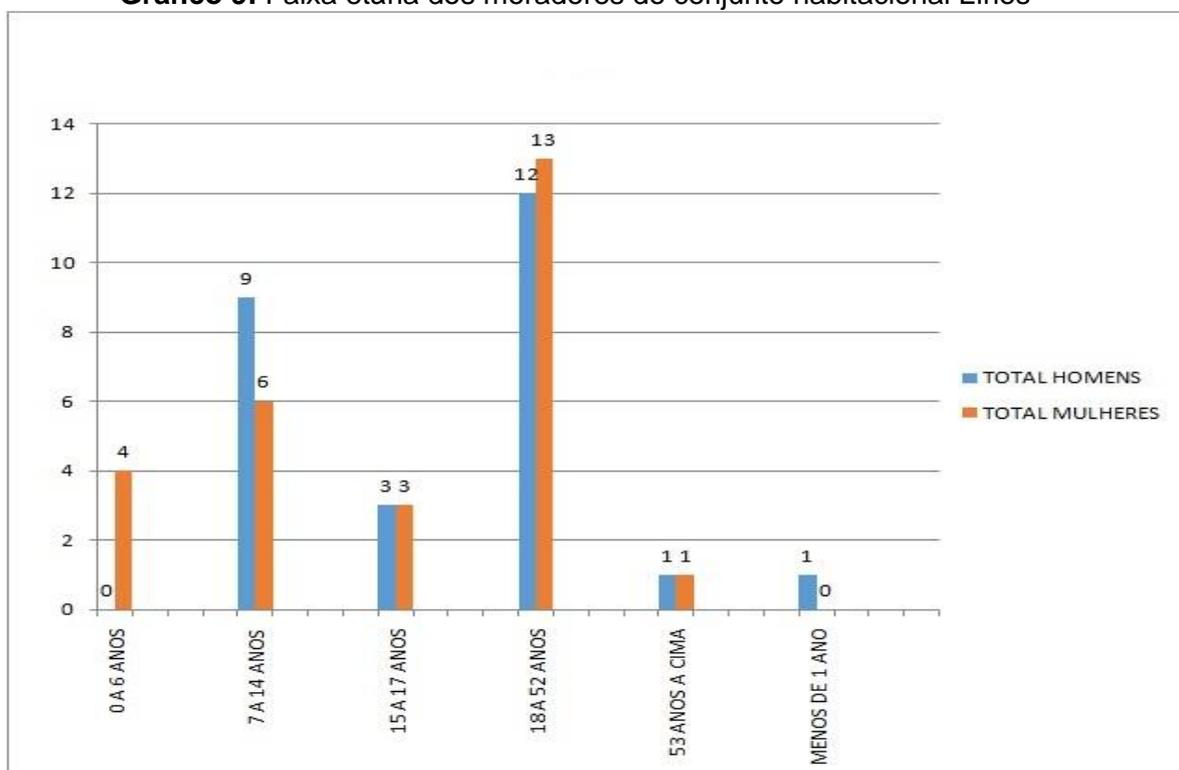
**Gráfico 8:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Imperial

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 9:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Lírios

LÍRIOS					
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	1	0	0	4
		3	0		
		0	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	1	3	9	6
		5	5		
		0	1		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	1	2	3	3
		1	1		
		1	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	10	9	12	13
		3	2		
		0	1		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	1	1	1	1
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	1	1	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

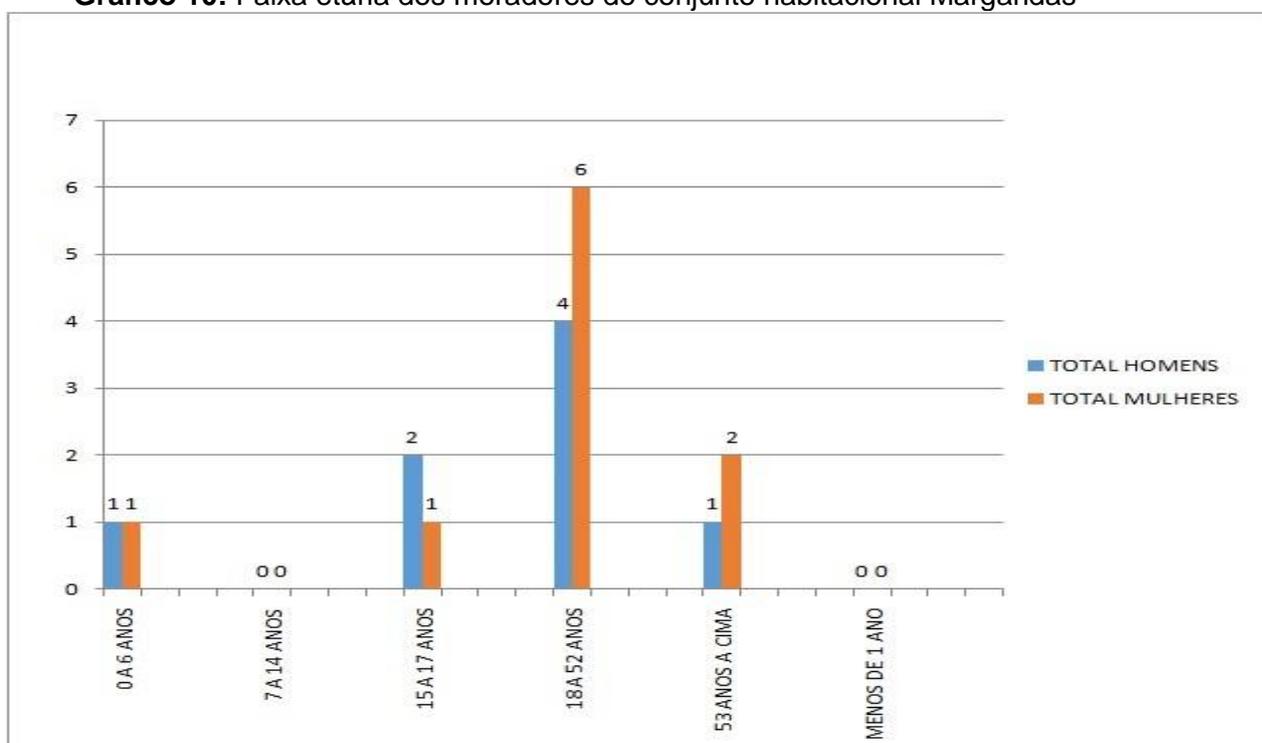
**Gráfico 9:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Lírios

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 10:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Margaridas

MARGARIDAS					
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	0	0	1	1
		1	1		
		0	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	0	0	0	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	1	1	2	1
		0	1		
		0	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	6	4	4	6
		0	0		
		0	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	2	1	1	2
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	0
		0	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

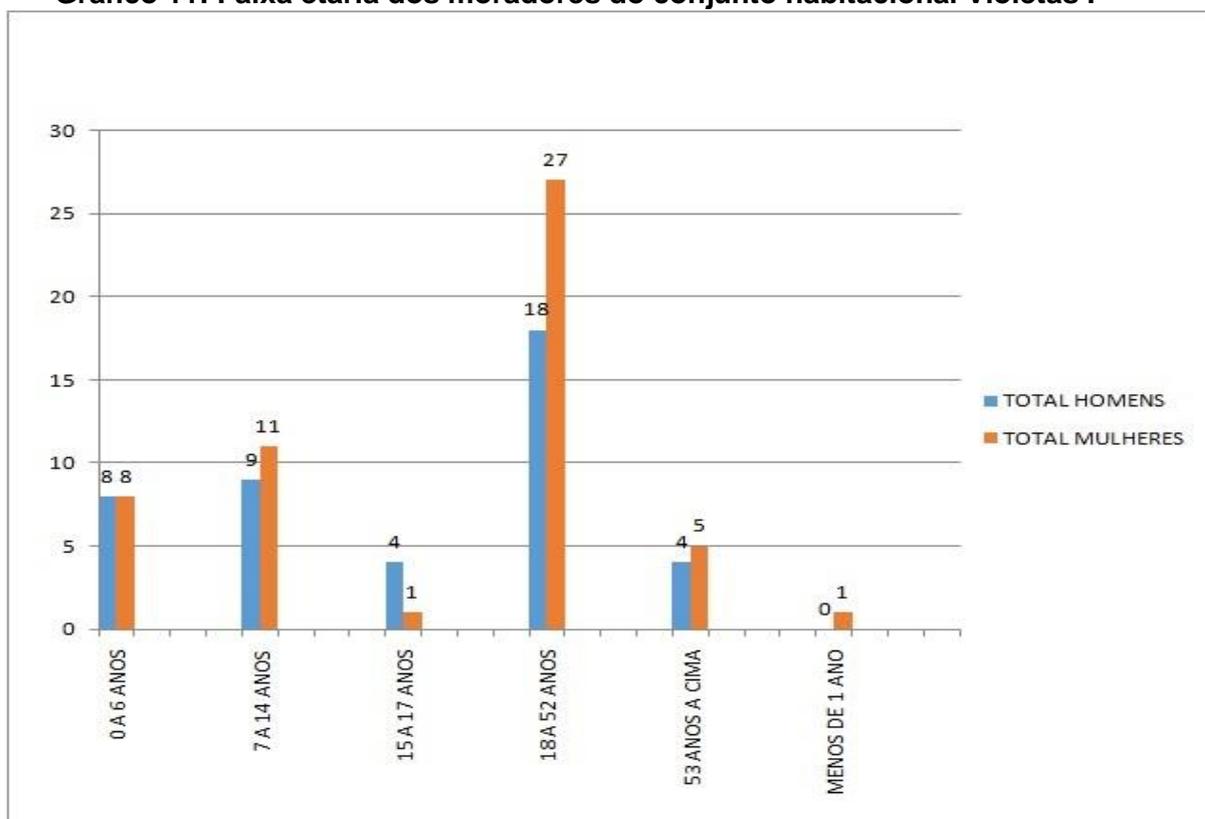
**Gráfico 10:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Margaridas

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 11:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas I

VIOLETAS I					
FAIXA ETARIA	CLASE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	3	2	8	8
		5	5		
		0	1		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	1	4	9	11
		8	5		
		2	0		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	1	2	4	1
		0	0		
		0	2		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	23	14	18	27
		1	4		
		3	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	5	4	4	5
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	1
		1	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

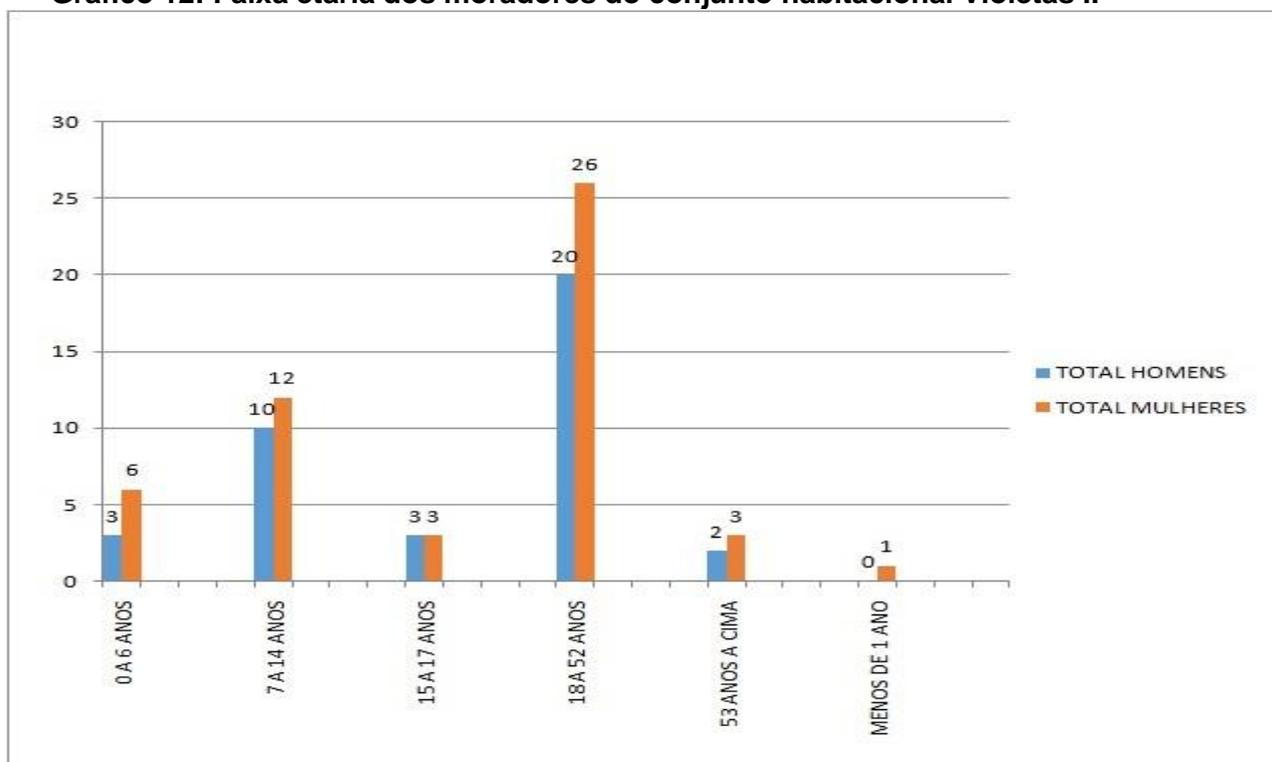
**Gráfico 11:** Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas I

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 12: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas II**

VIOLETAS II					
FAIXA ETARIA	CLASSE	MULHER	HOMEM	TOTAL HOMENS	TOTAL MULHERES
0 A 6 ANOS	A	3	0	3	6
		3	3		
		0	0		
		0	0		
7 A 14 ANOS	B	6	6	10	12
		6	4		
		0	0		
		0	0		
15 A 17 ANOS	C	0	2	3	3
		3	1		
		0	0		
		0	0		
18 A 52 ANOS	D	23	19	20	26
		3	1		
		0	0		
		0	0		
53 ANOS A CIMA	E	3	2	2	3
		0	0		
		0	0		
		0	0		
MENOS DE 1 ANO	AB	0	0	0	1
		1	0		
		0	0		
		0	0		

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 12: Faixa etária dos moradores do conjunto habitacional Violetas II**

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

### **2.3 - Grau de escolaridade dos moradores dos conjuntos habitacionais**

Segundo o IBGE (2014) a taxa de escolarização refere-se a percentagem dos estudantes de um grupo etário em relação ao total de pessoas do mesmo grupo etário. A seguir, analisa-se a taxa de escolarização dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas.

Quanto a taxa de escolaridade do conjunto habitacional Azaléia, 4% das pessoas entrevistadas são analfabetas, 50% possui o ensino fundamental incompleto, nenhum dos entrevistados obtém o ensino fundamental completo, 32% ensino médio incompleto, também não tiveram moradores com ensino médio completo, 4% frequenta a Apae, 7% dos filhos de moradores frequentam a creche e 4% estão na pré escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

Analisando os dados do conjunto habitacional Girassóis (Anexo II), 5% são analfabetos, 59% ensino fundamental incompleto, nenhum entrevistado possui ensino fundamental completo, 18% ensino médio incompleto, 10% ensino médio completo, 3% ensino superior incompleto, nenhum morador possui ensino superior completo e frequenta a Apae e 3% das crianças estão na creche ou pré escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

O conjunto habitacional hortênsias, 6% são analfabetos, 69% ensino fundamental incompleto, 3% ensino fundamental completo, 13% ensino médio incompleto, 7% ensino médio completo, nenhum morador entrevistado possui ensino superior incompleto ou completo, 13% frequentam a Apae, 3% a creche e nenhum a pré escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

Dentre as porcentagens do conjunto habitacional Imperial (Anexo II), 1% dos entrevistados são analfabetos, 78% ensino fundamental incompleto, 1% ensino fundamental completo, 13% ensino médio incompleto, 4% ensino médio completo nenhum possui ensino superior completo ou incompleto, 1% Apae, 1% das crianças estão na creche e 1% na pré escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

O conjunto habitacional Lírios não apresentou taxa de analfabetismo dentre os moradores entrevistados, 73% ensino fundamental incompleto, 2% ensino fundamental completo, 13% ensino médio incompleto, 10% ensino médio completo, nenhum morador entrevistado possui ensino superior completo ou incompleto, 2% das crianças estão na creche e 2% pré-escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

No conjunto habitacional margaridas, não encontrou-se índice de analfabetismo, 41% ensino fundamental incompleto, 12% ensino fundamental completo, 12% ensino médio incompleto, 24% ensino médio completo, possui 6% moradores com ensino superior completo, 6% creche, e nenhuma criança na pré-escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

Os dados obtidos no conjunto habitacional Orquídeas I (Anexo II), não se relatou taxa de analfabetismo, 76% ensino fundamental incompleto, 1% ensino fundamental completo, 10% ensino médio incompleto, 9% ensino médio completo, não foram encontrados moradores com ensino superior completo e incompleto, 1% Apae, 1% creche, 2% pré – escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

No conjunto habitacional Orquídeas II, não foi encontrado taxa de analfabetismo, 61% possui ensino fundamental Incompleto, 2% ensino fundamental completo, 14% ensino médio incompleto, 9% ensino médio completo, 9% estão na pré escola, 2% na creche e nenhum entrevistado possui ensino superior incompleto ou completo (Gráfico 13 e Tabela 13).

O conjunto habitacional Violetas I (Anexo II), 7% analfabetos, 71% ensino fundamental incompleto, 2% ensino fundamental completo, 4% ensino médio incompleto, 7% ensino médio completo, não possuem ensino superior completo ou incompleto, 1% Apae, 4% creche e 3% pré-escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

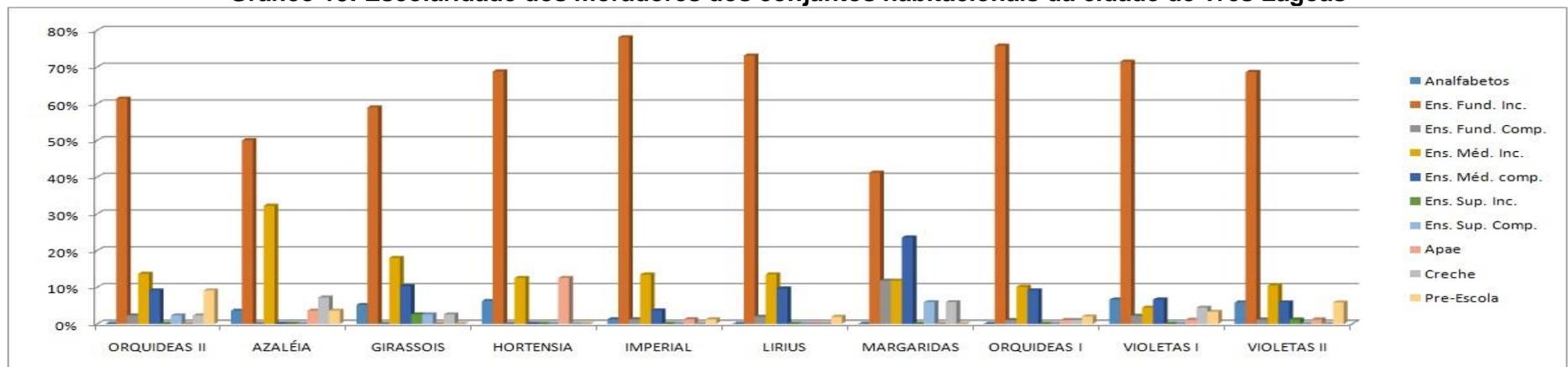
No conjunto habitacional Violetas II (Anexo II), 6% analfabetos, 69% ensino fundamental incompleto, 1% ensino fundamental completo, 6% ensino médio completo, 10% ensino médio incompleto, 1% ensino superior incompleto, nenhum morador possui ensino superior completo, 1% Apae, 1% creche e 6% pré-escola (Gráfico 13 e Tabela 13).

Analisando o grau de escolaridade dos moradores pode-se considerar uma deficiência na escolaridade, considerando que a maioria possui ensino fundamental incompleto. E as porcentagens de ensino superior completo ou incompleto encontradas são consideráveis devidos os valores serem quase nulos pelo total de entrevistados. E mesmo o número de analfabetos serem inferior aos outros graus de escolaridade, é um fator preocupante, devido muitos desses moradores que não tiveram a oportunidade de ir à escola devido a condição social que se insere, que hoje conforme mencionado por alguns moradores é melhor que antigamente, e que se fosse nos dias de hoje teriam estudado ao invés de trabalhar desde de muito cedo.

**Tabela 13:** Escolaridade dos moradores dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas

SETORES	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
Clases de Escolaridade	% REL. Setor									
Analfabetos	0%	4%	5%	6%	1%	0%	0%	0%	7%	6%
Ens. Fund. Inc.	61%	50%	59%	69%	78%	73%	41%	76%	71%	69%
Ens. Fund. Comp.	2%	0%	0%	0%	1%	2%	12%	1%	2%	1%
Ens. Méd. Inc.	14%	32%	18%	13%	13%	13%	12%	10%	4%	10%
Ens. Méd. comp.	9%	0%	10%	0%	4%	10%	24%	9%	7%	6%
Ens. Sup. Inc.	0%	0%	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%
Ens. Sup. Comp.	2%	0%	3%	0%	0%	0%	6%	0%	0%	0%
Apae	0%	4%	0%	13%	1%	0%	0%	1%	1%	1%
Creche	2%	7%	3%	0%	0%	0%	6%	1%	4%	0%
Pre-Escola	9%	4%	0%	0%	1%	2%	0%	2%	3%	6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 13:** Escolaridade dos moradores dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

## **2.4 - Rendimentos domiciliar em salários mínimos dos moradores dos conjuntos habitacionais**

Tendo como base a definição do IBGE (2014), Rendimento mensal - soma do rendimento mensal de trabalho com o rendimento proveniente de outras fontes. Neste item será analisado o rendimento domiciliar por domicílio conjuntos habitacionais.

No condomínio Azaleia, 13% dos moradores possuem renda domiciliar de apenas zero a um salário mínimo, 13% de um a dois s.m, 0% de dois a três s.m., 63% de três a quatro s.m., 13% de quatro a cinco s.m. Destaca-se como classe de rendimento com maior porcentagem de três a quatro s.m. (Gráfico 14 e Tabela 14).

No conjunto habitacional Girassóis, 40% possui renda de zero a um salário mínimo, 50% de um a dois s.m, 0% de dois a três s.m, 0% de três a quatro s.m, 10% de quatro a cinco s.m. Prevalece nesse conjunto a classe de rendimento de um a dois s.m. (Gráfico 14 e Tabela 14).

No conjunto habitacional Hortênsias, 27% dos moradores possui de zero a um s.m, 27% de um a dois s.m, 13% de dois a três s.m, 27% de três a quatro s.m, e 7% de quatro a cinco s.m. Três classes de rendimento concentram-se de zero a quatro salários mínimos, com porcentagens iguais. (Gráfico 14 e Tabela 14).

No conjunto habitacional Imperial, 56% possuem de zero a um salário mínimo, 28% de um a dois s.m, 0% de dois a três s.m, 11% de três a quatro s.m, 6% de quatro a cinco s.m. Pode-se observar a grande deficiência na renda domiciliar desse conjunto, que concentra-se de zero a um e de um a dois salários mínimos (Gráfico 14 e Tabela 14).

No conjunto habitacional Lírios, 36% dos moradores entrevistados possuem 36% de zero a um salário mínimo, 18% de um a dois s.m, outros 18% de dois a três s.m, 18% de três a quatro s.m, 9% de quatro a cinco s.m. Neste conjunto também ocorre uma deficiência na renda domiciliar dos moradores, onde sua maior porcentagem predomina de zero a um s.m. e um a dois s.m. (Gráfico 14 e Tabela 14).

No conjunto habitacional Margaridas, 50% possui renda de zero a um salário mínimo, 17% de um a dois s.m, outros 17%, de dois a três s.m, 0% de três a quatro s.m., 17% de quatro a cinco s.m. A maior concentração de

porcentagem de renda domiciliar está na classe de zero a um s.m, portanto também pode ser considerado deficitário o rendimento salarial.

No COHAB Orquídeas I, 46% da população possui de zero a um s.m, 25% de um a dois s.m., 4% de dois a três s.m., 17% de três a quatro s.m., 4% de quatro a cinco s.m. E 4% de cinco a seis s.m. Conclui-se que, esse conjunto apresenta em sua maior porcentagem, de zero a um salário mínimo e é o único que apresenta de cinco a seis salários mínimos (Gráfico 14 e Tabela 14).

No Orquídeas II, pode-se observar que 33% dos moradores entrevistados possuem renda domiciliar de zero a um salário mínimo, 33% de um a dois s.m, 11% de dois a três s.m, 11% de três a quatro s.m, 11% de quatro a cinco s.m. Nota-se que o rendimento dos moradores do conjunto não possui muita variação entre as classes, mas com uma renda considerável de 11% que atinge de quatro a cinco salários mínimos (Gráfico 14 e Tabela 14).

No Violetas I, 36% dos entrevistados possuem de zero a um salário mínimo, 23% de um a dois s.m, 14% de dois a três s.m, 23% de três a quatro s.m, 5% de quatro a cinco s.m. Fica evidente que nesse conjunto as maiores classes estão nas variáveis de zero a um salário mínimo, e um a dois. (Gráfico 14 e Tabela 14).

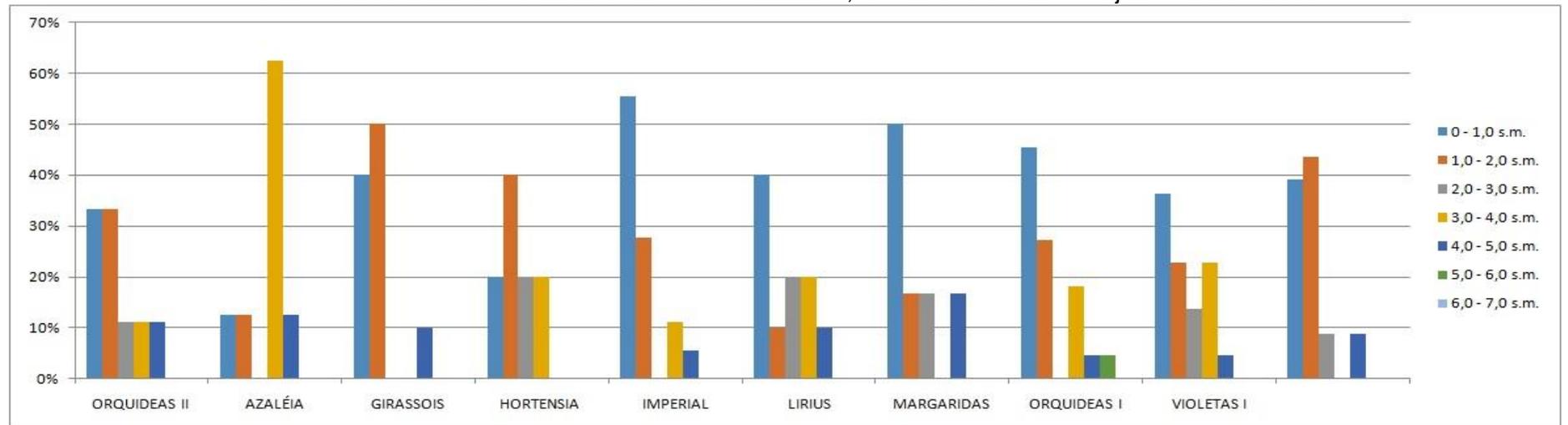
No Violetas II, 39% dos entrevistados possuem de zero a um s.m, 43% de um a dois s.m, 9% de dois a três s.m, 0% de três a quatro s.m, 9% de quatro a cinco s.m. Destaca-se com rendimento domiciliar de maior porcentagem, os entrevistados que recebem de um a dois salários mínimos, porém, o índice não está tão distante dos que recebem até 1 salário mínimo. (Gráfico 14 e Tabela 14).

Portando, pode-se concluir que as classes de rendimento domiciliar são deficitárias nos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas, possuindo ligações diretas com a escolaridade do mesmo. Essa afirmação torna-se relevante porque devido ao baixo grau de escolaridade a ocupação funcional dos moradores que estão ativos no mercado de trabalho são em empregos com remuneração que na maioria das vezes não passa de um salário mínimo.

**Tabela 14:** Rendimento domiciliar em salários mínimos, dos moradores nos conjuntos habitacionais

SETORES	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
Classes de rendimento	% REL. Setor									
0 - 1,0 s.m.	33%	13%	40%	20%	56%	40%	50%	45%	36%	39%
1,0 - 2,0 s.m.	33%	13%	50%	40%	28%	10%	17%	27%	23%	43%
2,0 - 3,0 s.m.	11%	0%	0%	20%	0%	20%	17%	0%	14%	9%
3,0 - 4,0 s.m.	11%	63%	0%	20%	11%	20%	0%	18%	23%	0%
4,0 - 5,0 s.m.	11%	13%	10%	0%	6%	10%	17%	5%	5%	9%
5,0 - 6,0 s.m.	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	5%	0%	0%
6,0 - 7,0 s.m.	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 14:** Rendimento domiciliar em salários mínimos, dos moradores nos conjuntos habitacionais

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

## **2.5 - Rendimento domiciliar per capita dos moradores nos conjuntos habitacionais**

O rendimento domiciliar per capita consiste entre o número de pessoas que residem no domicílio, assim obtém-se renda per capita. Nos conjuntos habitacionais Girassóis, Imperial, Lírios, Orquídeas II e Violetas II, revelou-se que 100% possuem renda de zero a meio s.m. Nota-se que a renda domiciliar desses conjuntos é deficitária por estar condicionada ao valor de menor classificação de salários (Gráfico 15 e Tabela 15).

No Azaleia 75% possuem de zero a meio s.m., e 25% de meio a um s.m. prevalece também o maior valor na menor classe de classificação de salários. As Hortênsias 93% dos moradores entrevistado possuem de zero a meio s.m., 7% de meio a um s.m. Nesse conjunto também a renda domiciliar é deficitária permanecendo o menor valor da classificação dos salários (Gráfico 15 e Tabela 15).

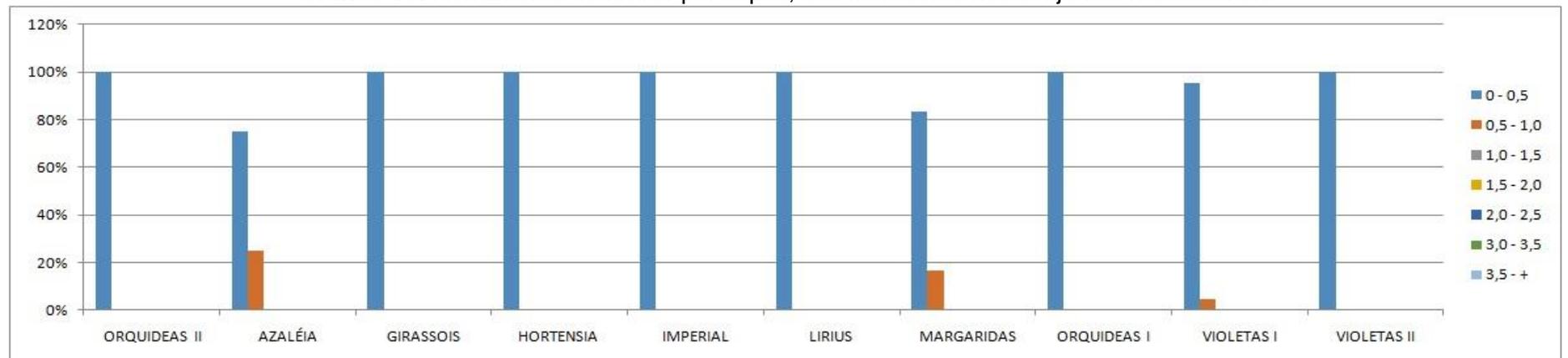
Nas Margaridas 83% possuem de zero a meio s.m., 17% de meio a um s.m., como o resultado anterior se encaixa na mesma classificação. O Orquídeas I 96% possuem de zero a meio s.m., 4% de meio a um s.m., no Violetas I 95% de zero a meio s.m., 5% de meio a um s.m. (Gráfico 15 e Tabela 15).

Portanto, o rendimento per capita nos conjuntos é bastante reduzido concentrando-se na classe de menor da classificação dos salários de zero a uma s.m., e variando em menores valores de meio a um s.m., assim esses baixos valores podem ser relacionados com o grau de escolaridade da população.

**Tabela 15:** Rendimento domiciliar per capita, dos moradores nos conjuntos habitacionais

SETORES	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
Classes de rendimento	% REL. Setor									
0 - 0,5	100%	75%	100%	100%	100%	100%	83%	100%	95%	100%
0,5 - 1,0	0%	25%	0%	0%	0%	0%	17%	0%	5%	0%
1,0 - 1,5	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
1,5 - 2,0	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
2,0 - 2,5	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
3,0 - 3,5	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
3,5 - +	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 15:** Rendimento domiciliar per capita, dos moradores nos conjuntos habitacionais

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

## 2.6 - Médias de valor pago por domicílio nos conjuntos habitacionais

A média de valor pago é referente à 10% do salário mínimo vigente, mas, ao observar os dados, evidencia-se que determinados domicílios em que os moradores possuem a mesma renda, o pagamento possui valores diferentes, e também alguns conjuntos não iniciaram o pagamento de suas casas. No Azaleia, a média de pagamento é de R\$ 7,50 ao mês, e dos oito domicílios entrevistados, quatro já quitaram o pagamento de suas casas. (Gráfico 16 e Tabela 16).

No conjunto habitacional Girassóis, a média é de R\$ 82,01 por mês, sendo que dos nove domicílios entrevistados, um já quitou o pagamento e um domicílio estava há três meses inadimplente. O Hortênsias, a média de pagamento é de R\$ 73,00 reais, e dos quinze domicílios entrevistados, um já quitou a casa e informou que só receberá a escritura quando todos os moradores terminarem de pagar (Gráfico 16 e Tabela 16).

No conjunto habitacional Imperial, ainda não chegou o boleto para efetuar o pagamento, pois, conforme informado pelo Departamento de Habitação de Três Lagoas, Campo Grande ainda não assinou contrato com a Secretaria de Habitação, e este é realizado entre Estado e Prefeitura (Gráfico 16 e Tabela 16).

No Lírios, a média de pagamento é de R\$ 75,11. No Margaridas, é de R\$ 7,50 e nesse conjunto ainda não veio o boleto para que todos possam pagar. Encontra-se em sua maior parcela de moradores, um alto nível de funcionários públicos (Gráfico 16 e Tabela 16).

No conjunto habitacional Orquídeas I, a média de pagamento é de R\$40,39. No Orquídeas II, a média é de R\$29,89 e nesse conjunto, dos 10 questionários aplicados, cinco domicílios ainda não pagam o boleto, somente três efetuam o pagamento. No Violetas I, a média de pagamento é de R\$77,01 e no Violetas II é de R\$ 75,16 ao por mês. (Gráfico 16 e Tabela 16).

Ao analisar a renda domiciliar dos moradores, verifica-se que os pagamentos não estão atribuídos a 10% do salário mínimo, pois, alguns conjuntos habitacionais possuem a mesma renda, porem o pagamento das casas se diferencia. Ao buscar informações na secretaria de habitação da cidade de Três Lagoas foi informado que os valores cobrados são atribuídos ao salario vigente que seria o valor do salario mínimo conforme já foi exemplificado (Gráfico 16 e Tabela 16).

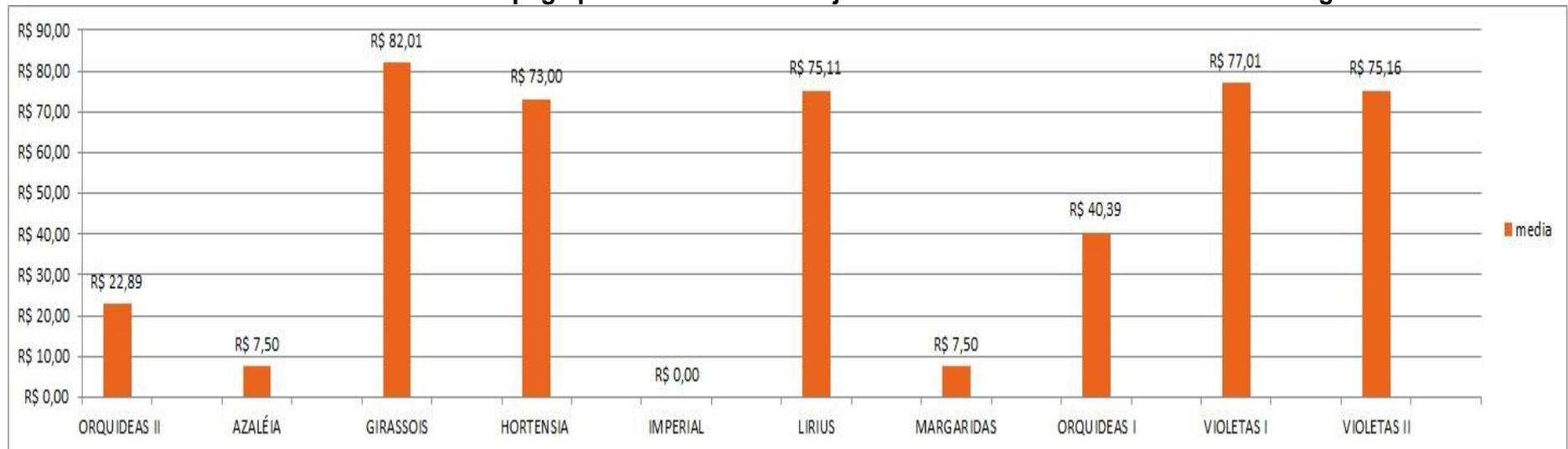
A informação obtida na entrevista com vários moradores é de que mesmo quitando o pagamento de sua residência, só receberá a escritura da casa quando todos efetuarem o pagamento total, sendo assim os moradores que já quitaram e que em sua maioria fizeram reformas em suas casas, terá que esperar todos os moradores do COHAB em que reside quitar o pagamento.

**Tabela 16: Média de valor pago por domicílio nos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas**

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
media	R\$ 22,89	R\$ 7,50	R\$ 82,01	R\$ 73,00	R\$ 0,00	R\$ 75,11	R\$ 7,50	R\$ 40,39	R\$ 77,01	R\$ 75,16

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 16: Média de valor pago por domicílio nos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas**

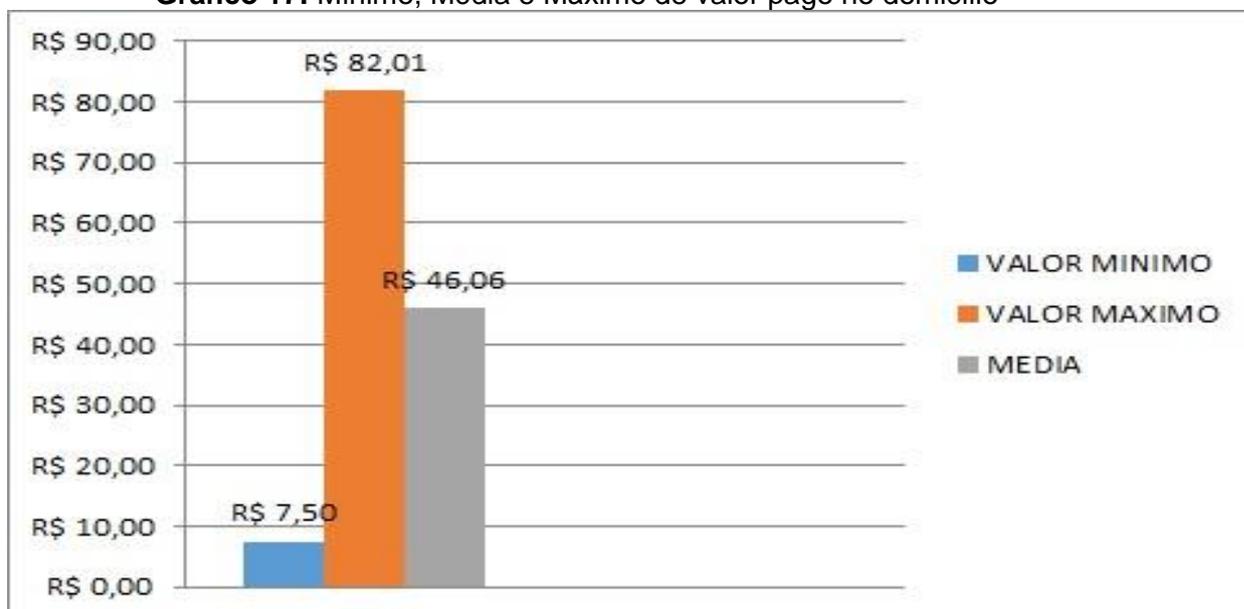


Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Tabela 17:** Mínimo, Máximo e Média de valor pago no domicílio

VALOR MINIMO	VALOR MAXIMO	MEDIA
R\$ 7,50	R\$ 82,01	R\$ 46,06

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 17:** Mínimo, Média e Máximo de valor pago no domicílio

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

## 2.7 - Tempo de atividade de trabalho dos moradores

Esse sub item, tem como objetivo avaliar o tempo de atividade dos moradores ,no período de 2006 a 2012, mas abrindo a questão também para os anos que fora aplicados os questionários de 2013 a 2014. Apontando que essas informações foram coletadas por domicílio. Tendo em vista três classes: com mais de 6 anos, com menos de 6 anos e com pausa dentre esses 6 anos (Gráfico 18 e Tabela 18).

No conjunto habitacional Azaleia, seis entrevistados possuem 6 anos de trabalho com pausa, uns mais de 6 anos e um menos de 6. No Girassóis, cinco possuem mais de 6 anos com pausa, um com mais de 6 anos e não foi entrevistado nenhum morador com menos de 6 anos de trabalho (Gráfico 18 e Tabela 18).

No Hortênsias, nove moradores possuem 6 anos com pausa, três mais de 6 anos e nenhum com menos de 6 anos. O conjunto habitacional Imperial possui seis moradores com 6 anos com pausa, dezessete com mais de 6 anos e nenhum com menos de 6 anos de atividade de trabalho (Gráfico 18 e Tabela 18).

No Lírios, encontra-se oito moradores com 6 anos com pausa, três com mais de 6 anos, e nenhum com menos de 6 anos. O Margaridas possui um morador 6 anos com pausa, e nenhum com mais ou menos de 6 anos. O Orquídeas I possui 13 moradores com 6 anos com pausa, três com mais de 6 anos e nenhum com menos de 6 anos. E no Orquídeas II, cinco moradores estão com 6 anos com pausa, um com mais de 6 anos, e nenhum com menos de 6 anos de trabalho (Gráfico 18 e Tabela 18).

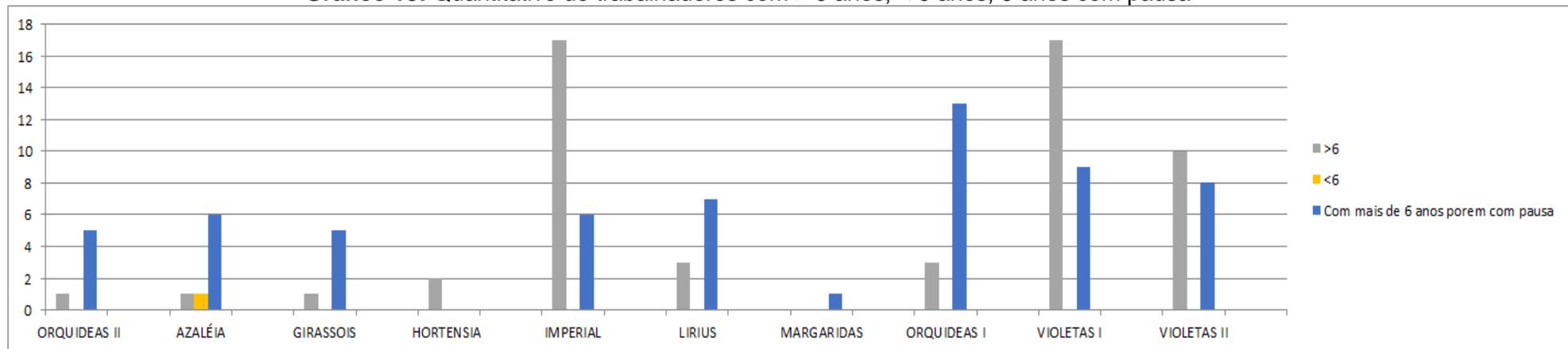
E por fim no Violetas I possuem nove moradores com pausa de 6 anos, dezessete com mais de 6 anos e nenhum com menos de 6 anos. No Violetas II, oito moradores possuem 6 anos com pausa, dez mais de 6 anos e nenhum com menos de 6 desse período (Gráfico 18 e Tabela 18).

A presente análise teve como objetivo, apresentar uma base do tempo de trabalho dos moradores entrevistados por domicílio, para que a renda domiciliar e a renda domiciliar per capita, fossem melhor compreendidas, podendo chegar a consideração que ambas são deficitárias.

**Tabela 18:** Quantitativo de trabalhadores com > 6 anos, < 6 anos, 6 anos com pausa

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
>6	1	1	1	2	17	3	0	3	17	10
<6	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Com mais de 6 anos porem com pausa	5	6	5	0	6	7	1	13	9	8

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015

**Gráfico 18:** Quantitativo de trabalhadores com > 6 anos, < 6 anos, 6 anos com pausa

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

## 2.8 - Quantitativo de renda extra por domicílio

Ao decorrer da entrevista, foi perguntando se o morador possuía outra renda, além do salário, e algumas das opções para respostas foram: aluguel, arrendamento, pensão, aplicação financeira, aposentadoria, entre outros. Mas surgiu também a mesma informação em dois domicílios, de que a maioria das famílias, recebia os auxílios Bolsa Família<sup>1</sup> e Vale Renda. Segundo o MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome):

Portanto, além das categorias propostas no questionário, foram inseridas as novas opções, que serão entendidas durante a transcrição dos dados que demonstra que a maior parcela de rendimento extra vem do Bolsa Família, por esta atrelado ao rendimento domiciliar per capita dos moradores. Sendo assim o conjunto habitacional Azaleia, um domicílio possui Bolsa Família, dois domicílios o Vale Renda e um possui aposentadoria. No COHAB Girassóis, dois domicílios possuem Bolsa Família, outros quatro possuem Vale Renda e um recebe pensão.

No conjunto habitacional Hortênsias, 8 domicílios recebem o Bolsa família, outros 8 recebem Vale Renda, uma pensão e dois recebem aposentadoria. No Imperial, 21 domicílios possuem Bolsa Família, outros dezessete recebem vale renda, quatro recebe pensão, 10 recebem aposentadoria e três gozam de outros benefícios (Gráfico 19 e Tabela 19).

O conjunto Lírios possui cinco domicílios que recebem o Bolsa Família, quatro recebem o Vale Renda, um recebe pensão e um se beneficia de outros benefícios. No Margaridas, uma família possui o Bolsa Família, uma recebe pensão e uma recebe aposentadoria. No Orquídeas I, 10 famílias possuem Bolsa Família, 7 possuem Vale Renda, duas recebem pensão, e duas aposentadorias (Gráfico 19 e Tabela 19).

---

<sup>1</sup> O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 77 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos. Todos os meses, o governo federal deposita uma quantia para as famílias que fazem parte do programa. O saque é feito com o cartão magnético, emitido preferencialmente em nome da mulher. O valor repassado depende do tamanho da família, da idade dos seus membros e da sua renda. Há benefícios específicos para famílias com crianças, jovens até 17 anos, gestantes e mães que amamentam (MDS,2014).

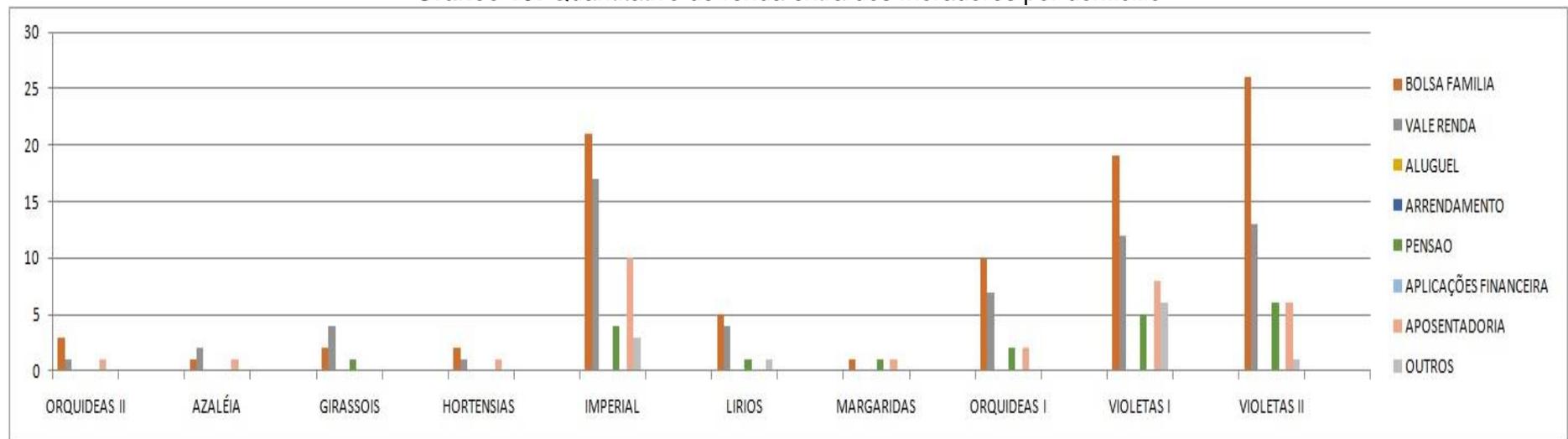
No Orquídeas II, três domicílios possuem Bolsa Família, um domicílio recebe Vale Renda, e uma aposentadoria. O conjunto Violetas I, 12 domicílios possuem Bolsa Família, 12 recebem Vale Renda, 5 recebem da pensão, outros 8 recebem aposentadoria e 6 domicílios contam com outros benefícios. O conjunto Violetas II, 26 domicílios possuem Bolsa Família, 13 recebem Vale Renda, 6 recebem da pensão, outros 6 recebem aposentadoria e um domicílio conta com outros benefícios (Gráfico 19 e Tabela 19).

Nota-se que conforme elucidado acima, a renda extra que predomina em todos os domicílios é o Bolsa Família.

**Tabela 19:** Quantitativo de renda extra dos moradores por domicílio

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
	Valor pago	Valor pago	Valor pago	Valor pago	Valor pago	Valor pago	Valor pago	Valor pago	Valor pago	Valor pago
BOLSA FAMILIA	3	1	2	2	21	5	1	10	19	26
VALE RENDA	1	2	4	1	17	4	0	7	12	13
ALUGUEL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ARRENDAMENTO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PENSAO	0	0	1	0	4	1	1	2	5	6
APLICAÇÕES FINANCEIRA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
APOSENTADORIA	1	1	0	1	10	0	1	2	8	6
OUTROS	0	0	0	0	3	1	0	0	6	1

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 19:** Quantitativo de renda extra dos moradores por domicílio

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

### 3 - CONDIÇÕES SANITÁRIAS DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS/MS

O presente capítulo aborda a discussão de informações relacionadas às condições sanitárias domiciliares dos conjuntos habitacionais da cidade de Três Lagoas/MS, de acordo com os dados coletados na pesquisa amostral de campo conforme abordado no capítulo anterior.

Os aspectos sanitários analisados neste capítulo referem-se a abastecimento de água, esgotamento sanitário, disposição dos resíduos sólidos, limpeza da caixa d'água e tratamento da água para consumo.

A metodologia utilizada foi proposta por Vetter e Simões (1981), que será exemplificada neste capítulo e utilizada como categoria de análise para as condições sanitárias, ver (Quadro 2).

**Quadro 2:** Metodologia proposta por Vetter e Simões

ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Instalação Sanitária	
	Adequada Rede Geral Fossa Séptica	Inadequada Fossa Rudimentar Outro Tipo Não tem
Adequado Ligação com a rede geral, ou com poço ou nascente com canalização interna.	(1) Sistemas de água e de esgoto adequados.	(3) Sistema de água adequado, mas sistema de esgoto inadequado.
Inadequado Ligação com a rede geral, ou com poço ou nascente sem canalização interna. Abastecido por outras fontes.	(2) Sistema de água inadequada, mas sistema de esgoto adequado. (Célula vazia)	(4) Sistemas de água e de esgoto inadequados.

**Fonte:** VETTER, D.M.C., SIMÕES, C.C.S. Acesso à infraestrutura de Saneamento básico e mortalidade, 1981.

Conforme demonstra o Quadro 2 a Vetter e Simões (1981), propõe uma análise de adequação e inadequação do sistema de abastecimento de água e esgotamento sanitário, mas neste trabalho a categoria utilizada foi apenas a de adequação. E além da análise destes dois aspectos de infraestrutura será analisado também a disposição dos resíduos sólidos.

### 3.1 - Uma breve discussão relacionada ao saneamento básico

Ao pensar no que é o saneamento básico e quais são suas ligações com a qualidade de vida dos cidadãos, deve-se que analisar que uma infraestrutura de saneamento inadequada, vai prejudicar o bem estar e a saúde dos indivíduos, como também está entrelaçada as questões ambientais, devido as relações cotidianas estarem atreladas a produção do espaço social e do espaço natural. Se os meios de saneamento básico não estiverem adequados e ocasionarem uma intervenção negativa no meio ambiente, é possível que a qualidade de vida e a saúde da população residente no local, estarão comprometidas, mesmo que isso ocorra em longo prazo

A preocupação da organização sanitária no Brasil iniciou-se em meados do século XIX, e esteve estreitamente articulada a nova inserção da economia brasileira no quadro do capitalismo mundial, vinculado ao processo de acumulação do complexo cafeeiro e logo depois num período de transição para o desenvolvimento industrial.

A ação sanitária objetivou-se criar determinadas condições básicas de existência nas cidades portuárias num período de transição para a órbita da acumulação industrial. Assim, a política de saúde pública atuou contra enfermidades específicas e interveio sobre o espaço urbano no dia a dia de seus habitantes. Foi atribuição da saúde e enquadramento da habitação popular e a vigilância sobre os modos de uso da cidade (COSTA, 1987, p.15).

A preocupação sobre as questões sanitárias surgiu para manter a saúde dos habitantes, e principalmente para intervir sobre os grupos sociais cuja capacidade de trabalho era essencial preservar, devido ser a mão de obra que conduzia os espaços econômicos e geravam a produção dos produtos comerciais.

Em 1970, a sociedade começa a ter percepção do nível de intervenção no meio ambiente, devido à aceleração do desenvolvimento, assim Ross ( em 2006) menciona que nesta mesma década, o Brasil passa por um ordenamento e reordenamento territorial com implicações socioambientais.

Dessa maneira, a preocupação ambiental surgiu neste mesmo ano, quando os países desenvolvidos levaram as questões para as Nações Unidas. Para as relações internacionais, os apontamentos sobre os impactos e degradações ambientais que estavam ocorrendo em crescente escala na natureza (CUNHA; GUERRA, 2003).

A cidade é o resultado da capacidade do social de transformar o natural, a industrialização, a construção civil, ou seja, toda a dinâmica socioespacial e infraestrutura urbana que configura as cidades advêm da intervenção de um espaço natural. A produção social e de consumo aceleram a transformação dos produtos gerados pela natureza e os condiciona a uma nova modalidade e função, esta produção desencadeia um descompasso no meio natural, pois, em sua maioria pode ter como consequência algum tipo de impacto.

A redistribuição espacial da população, não pode ser apenas analisada a partir da produção e consumo das cidades, mas também o aprofundamento das contradições entre o ambiental e o social nos espaços urbanos, pois, entram duas contradições temporais no espaço – a da sociedade e natureza.

Esse descompasso está condicionado em como a sociedade se organiza, primeiramente diante do seu industrialismo, que primordialmente é um dos principais causadores de degradações ambientais nas cidades e também em meios naturais, que ainda não foram ocupados pela sociedade, mas que interligados ao meio afetado, podem sofrer alterações.

Todo esse desencadeamento está associado ao consumo desenfreado e em larga escala, não só pelas grandes potências como também por países emergentes, que estão aumentando sua produção econômica ao buscarem incansavelmente uma produção sem planejamento e sem meios para a preservação e diminuição de impactos sociais e ambientais. A redistribuição espacial da população não pode ser apenas analisada a partir da produção e consumo das cidades, e sim do aprofundamento das contradições nos espaços urbanos.

De forma geral, todos os seres humanos, independente da classe social, dependem do meio ambiente e podem ser afetados pelas mudanças que ocorrem, porém, são as populações pobres as mais prejudicadas, pois sua maioria está concentrada em áreas de riscos, além de não usufruírem em suas moradias da disposição dos resíduos sólidos, do abastecimento de água e do saneamento básico. Além de esses agravantes afetarem o meio ambiente, devido a poluição do solo e dos lençóis freáticos, também influenciam na saúde dos moradores desses locais. Uma infraestrutura apropriada é fundamental, pois, torna diferentes condições de vida para a população, melhora a qualidade do ambiente, as condições domiciliares além de influenciar diretamente nas formas de saúde e alimentação.

Mas essa perspectiva de desenvolvimento está totalmente equivocada, pois, os recursos naturais podem se tornar escassos, impossibilitando então sua utilização para a produção de determinado produto, assim como uma população doente, não será meio de produção para as indústrias, alterando então, o índice de produção e desenvolvimento da região. Sendo assim o consumo desenfreado a falta de manejo no meio ambiente e o investimento na educação e saúde de um indivíduo, podem estabelecer diversos problemas na sociedade.

Mas grande parcela dos municípios não se torna responsável pela execução das políticas públicas, pois, ele é responsável por formular a política urbana e fazer cumprir as funções sociais da cidade, possibilitando e garantindo o acesso e o direito a todos que nela reside, e com isso deve instituir um planejamento direcionado ao saneamento básico da cidade, focando na informação para seus moradores e garantido condições sanitárias domiciliares de bem estar e qualidade para sua população (OLIVEIRA, 2001).

Com base nas palavras de Leonard (1992), a pobreza corrente e a destruição ambiental, bloqueiam o progresso econômico e social. Para o autor, a pobreza que persiste na periferia urbana e no interior de numerosos países de renda média, a pobreza mais grave e a fome nos países de renda mais baixa impõe e limita seriamente o crescimento econômico geral. O autor ressalta que, agrupados, os problemas da pobreza, das cicatrizes deixadas pela destruição de recursos florestais, do solo e da água em todo o mundo demonstram o desperdício extremo de produtividade econômica e a redução do potencial produtivo desses recursos no futuro (MORETTO; SCHONS, 2007, p.4).

O acesso ao sistema de abastecimento de água acessa a esgotamento sanitário e tratamento de esgoto, coleta e destinação final do lixo, são os indicadores de saneamento. Todos esses elementos em conjunto serão serviços de infraestrutura e instalações operacionais. Concluindo, saneamento é o conjunto de medidas adotadas em uma cidade para melhoria da vida e da saúde de sua população (IBGE, 2014).

Segundo Vetter e Simões (1981) ,embora não seja possível eliminar os problemas de saneamento, pode-se minimiza-los com instalação de água e esgoto. Em sua pesquisa é proposta que os domicílios sigam instalações sanitárias adequadas que serão ligadas a rede geral de esgoto ou então que possuem fossa séptica.

Vetter e Simões (1981), buscaram informações a partir de aspectos referentes a infraestrutura básica de saneamento das regiões Norte e Nordeste, onde encontrava-se desigual distribuição dos recursos econômicos.

Realizou-se uma análise das classes mais pobres e mais ricas da sociedade, alcançando estas diferenças, em alguns casos mais de 20 anos.

Simões assimilou a esperança de vida ao nascer entre o grupo mais alto e o mais baixo, tendo como base a renda per capita, relacionada aos de consumo coletivo, acesso à infraestrutura urbana, transporte, serviços de saúde, etc.

Decidiu-se assim desconsiderar a localização espacial das famílias dentro das regiões metropolitanas, fez-se a estimativa da esperança de vida das famílias com diferentes níveis de renda per capita de acordo com a adequação.

Relacionou-se a esperança de vida de diferentes classes e evidenciou-se que não poderia atribuir apenas a renda per capita, mas também a falta de saneamento básico.

Quando Oswaldo Cruz assumiu a direção da Diretoria Geral de Saúde Pública, em 1903, o primeiro objetivo foi o extermínio da febre amarela, e estabeleceu uma geografia, atuando exclusivamente na parte central do Rio de Janeiro, e correlacionando essa informação evidencia-se que Vetter e Simões também teve a preocupação de avaliar a questão da mortalidade e saúde da população das regiões estudadas, porém além de buscar informações sanitárias que ocasionavam as mortes e reduziam a esperança de vida dos indivíduos, correlacionaram também ao local das moradias e a renda per capita da população estudada (COSTA, 1987).

Na presente pesquisa não será abordado acerca da mortalidade e das doenças endêmicas. A pesquisa tem como objetivo avaliar as condições sanitárias domiciliares, porém, com o intuito de observar e evidenciar se algum dos domicílios possuem parâmetros inadequados de saneamento básico, que possa influenciar na qualidade de vida e de saúde dos moradores dos COHAB, devido a infraestrutura sanitária estar vinculada com condições socioeconômicas dos moradores.

### 3.2 - Abastecimento de água

Em relação ao abastecimento de água nos conjuntos habitacionais é padronizado, pois, todos os domicílios estão ligados à rede de abastecimento, realizada pela SANESUL. Cabe salientar, qual é a função do sistema de abastecimento e a que fatores estão vinculados, sendo assim o Manual de Saneamento (2006) descreve o abastecimento de água da seguinte maneira:

Um Sistema de Abastecimento de água pode ser concebido e projetado para atender a pequenos povoados ou a grandes cidades, variando nas características e no porte de suas instalações. Caracteriza-se pela retirada da água da natureza, adequação de sua qualidade, transporte até os aglomerados humanos e fornecimento a população em quantidade compatível com suas necessidades (BRASIL, 2006, p.35).

Em relação ao abastecimento de água todos os domicílios entrevistados encontram-se adequados dentro dos parâmetros proposto por Vetter e Simões, pois, estão ligados a rede de abastecimento geral de água que é fornecida pela Sanesul (Empresa de Saneamento do Estado do Mato Grosso do Sul).

Apesar dos domicílios estarem adequados, em alguns conjuntos habitacionais ocorre a falta de água, chegando até ficar dois dias sem abastecimento. Os maiores índices de reclamação foram dos moradores do COHAB Girassóis (Figura 5), que relataram que quase todo o final de semana falta água e que notificam a SANESUL e pedem o envio de um caminhão pipa, mas não são atendidos.

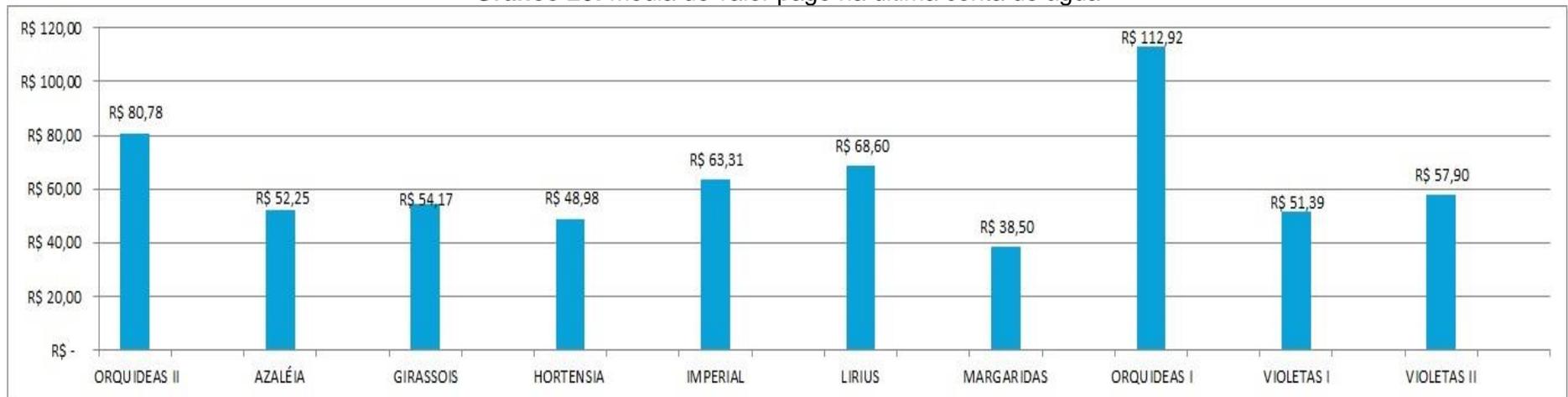
Os moradores do COHAB Azaleia também reclamaram da falta de água, mas neste ocorre com menos frequência, porém no Orquídeas II é frequente e já chegou a ficar de dois a três dias sem água.

Dentro das perguntas relacionadas ao abastecimento de água, uma questão estava relacionada ao valor pago na última conta de água (Gráfico 20 e tabela 20), e esses valores apresentaram-se altos em quase todos os domicílios, mesmo naqueles com um menor número de pessoas. E também ao pensar nas condições de renda domiciliar torna-se uma conta muito alta no orçamento dos moradores.

**Tabela 20:** Média de valor pago na última conta de água

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIA	IMPERIAL	LIRIUS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
MEDIA VALOR PAGO POR SETOR	R\$ 80,78	R\$ 52,25	R\$ 54,17	R\$ 48,98	R\$ 63,31	R\$ 68,60	R\$ 38,50	R\$ 112,92	R\$ 51,39	R\$ 57,90

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 20:** Média de valor pago na última conta de água

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

### 3.3 - Tratamento domiciliar da água utilizada para beber

Essa questão foi abordada no questionário, pois, os moradores reclamam que a água tem muito cloro e é salobra, porém mesmo com esses aspectos ruins para ser ingerida a maioria não utiliza algum tratamento antes de beber. Foram elaboradas as seguintes opções de resposta: nenhum, fervura, filtração por filtro de barro e filtração por filtro tipo europa.

No Azaleia 8 moradores não utilizam nenhum tratamento, no Girassóis dez dos moradores entrevistados também não utilizam nenhum tratamento, no Hortênsias 5 também não utilizam nenhum tratamento, no Imperial cinquenta e dois não utilizam nenhum tratamento, dois utilizam a filtração por filtro de barro e dois por filtro tipo europa. Os Lírios nove não utilizam nenhum tratamento e um filtro tipo Europa. E no Margarida seis dos entrevistados informaram que não utilizam nenhum tratamento (Gráfico 21 e tabela 21).

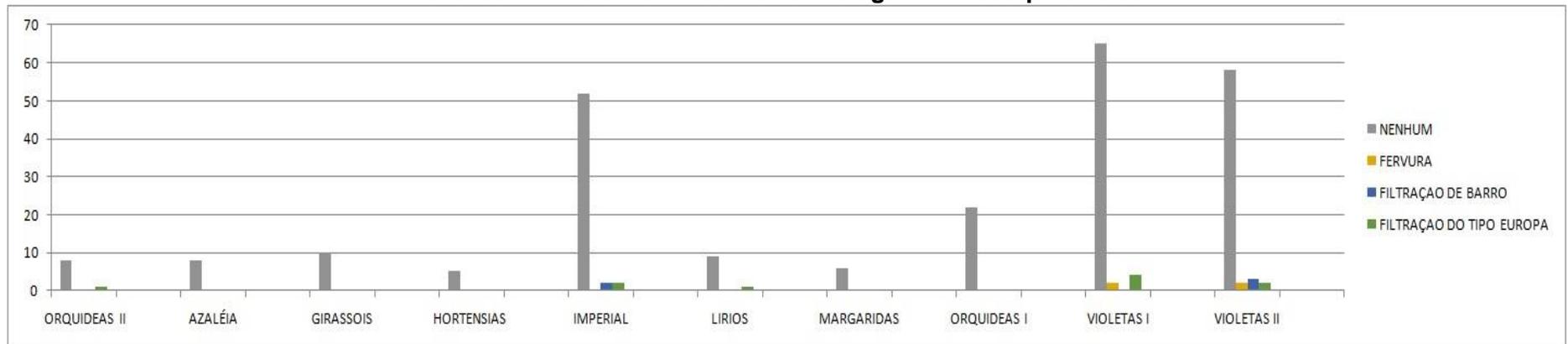
No Orquídeas I, 22 não utilizam nenhum tratamento, no Orquídeas II, 8 não utilizam nenhum tipo de tratamento e um filtro tipo europa. O Violetas I, 65 não utilizam nenhum tratamento, dois fervuras e quatro filtros tipo Europa, no Violeta II, 58 não utilizam nenhum tratamento, dois fervuras, três filtrações por filtro de barro e dois filtros tipo europa (Gráfico 21 e Tabela 21).

**Tabela 21: Tratamento domiciliar da água utilizada para beber**

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
NENHUM	8	8	10	5	52	9	6	22	65	58
FERVURA	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
FILTRAÇÃO DE BARRO	0	0	0	0	2	0	0	0	0	3
FILTRAÇÃO EUROPA	1	0	0	0	2	1	0	0	4	2

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 21: Tratamento domiciliar da água utilizada para beber**



Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

### 3.4 - Limpeza da caixa d'água

Esse item do questionário é de grande importância, pois, a maioria dos moradores utiliza da água da caixa não somente para tomar banho, dar descarga no banheiro, e lavar roupas, como também a utilizam para beber, principalmente nos domicílios onde a falta de água é em grande proporção. Foram abordados os seguintes itens: se o morador limpa a caixa d'água de 6 em 6 meses, 2 em 2 meses, 1 em 1 mês, outros, nunca limpou, e uma categoria que foi inserida após as observações que seria não utiliza. Ver Figuras 7, 8 e 9).

No Azaleia obteve-se a informação que 5 domicílios nunca limpam e três não utilizam. No Girassóis, 5 limpam de 6 em 6 meses, três de 1 em 1 ano e dois não utilizam. No Hortênsia, 5 não utilizam. No imperial, 12 limpam de 6 em 6 meses, 15 de 1 em 1 ano, 7 outros, 8 nunca limpam e 13 não utilizam. No Lírios, um limpa de 6 em 6 meses, dois de 1 em 1 ano, três nunca limpam e quatro não utilizam (Gráfico 22 e Tabela 22).

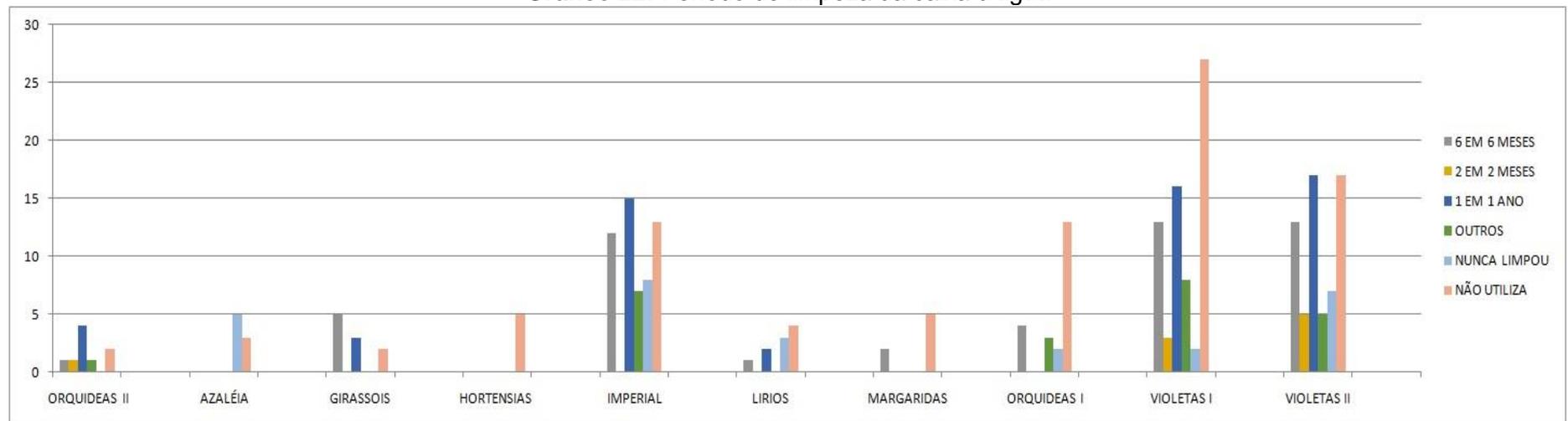
No Margaridas, dois domicílios limpam de 6 em 6 meses, e 5 não utilizam, No Orquídeas I, 4 limpam de 6 em 6 meses, três responderam a opção outros, dois nunca limpam e 13 não utilizam. No Orquídeas II, um limpa de 6 em 6 meses, um de 2 em 2 meses, 4 de 1 em 1 ano, um respondeu a opção outros, e dois não utilizam, No Violetas I, 13 limpam de 6 em 6 meses, três de 2 em 2 meses, 16 de 1 em 1 ano, 8 respondeu outros, dois nunca limpou e 27 não utilizam, No Violetas II, 13 limpam de 6 em 6 meses, 5 de 2 em 2 meses, 17 de 1 em 1 ano, 5 responderam a opção outros, 7 nunca limpam e 17 não utilizam (Gráfico 22 e Tabela 22).

Pode-se notar que não é utilizada a caixa d'água em vários domicílios, algumas informações relevantes foram coletadas além das opções do questionário, como por exemplo, no Orquídeas I, um domicílio tirou a caixa de água, porque segundo o morador, a água vinha muito fraca. Já em outro domicílio haverá a troca da caixa, pois o proprietário alega que a mesma está velha. No Margaridas, um domicílio só usa a água da caixa para o banho. Nos Lírios, um domicílio tirou a caixa d'água e agora utiliza como cisterna para armazenar água da chuva, a fim de usar para lavar roupa e realizar tarefas domésticas.

**Tabela 22:** Período de limpeza da caixa d'água

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
6 EM 6 MESES	1	0	5	0	12	1	2	4	13	13
2 EM 2 MESES	1	0	0	0	0	0	0	0	3	5
1 EM 1 ANO	4	0	3	0	15	2	0	0	16	17
OUTROS	1	0	0	0	7	0	0	3	8	5
NUNCA LIMPOU	0	5	0	0	8	3	0	2	2	7
NÃO UTILIZA	2	3	2	5	13	4	5	13	27	17

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 22:** Período de limpeza da caixa d'água

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.



**Figura 7:** Caixa d'água no Conjunto Habitacional Lírios  
**Foto:** ALVES SILVA, C.A.,2014.



**Figura 8:** Caixa d'água no Conjunto Habitacional imperial  
**Foto:** ALVES SILVA, C.A.,2014.



**Figura 9:** Banheiro do domicílio de um dos moradores entrevistados no Conjunto Habitacional Imperial.

**Foto:** ALVES SILVA, C.A. 2014.

As Figuras 8 e 9 demonstram como as casas são carentes de uma infraestrutura adequada, a maneira que a caixa d'água está posicionada em cima de um suporte que não é muito seguro pelo fato da casa não possuir forro, pode ocasionar algum acidente, colocando em risco os moradores dos domicílios, e o banheiro somente no cimento, impossibilitando uma higienização adequada, são elementos que apontam que deveria ser melhorada a infraestrutura das casas.

### 3.5 - Esgotamento Sanitário

Segundo o Manual de Saneamento (2006) pode-se definir o esgoto doméstico como:

O esgoto doméstico é aquele que provem principalmente de residências, estabelecimentos comerciais, instituições ou quaisquer edificações que dispõem de instalações de banheiros, lavanderias e cozinhas. Compõem-se essencialmente da água de banho, excretas, papel higiênico, restos de comida, sabão, detergentes e águas de lavagem (BRASIL, 2006, p.154).

Os sistemas de coleta de esgoto no Brasil privilegiam o afastamento do efluente das residências, sem preocupação com sua destinação e análise dos impactos que causam, e na maioria das vezes essa coleta não é realizada por uma rede coletora de esgoto e sim apenas destinado a uma fossa, que passa a ser uma maneira preocupante de coleta se não for instalada e esgotada adequadamente. Com isso há um grande risco de ocorrer à poluição dos corpos hídricos, o que resulta na necessidade de construção de grandes estações de tratamento de esgoto e a construção de redes coletoras cada vez mais extensas, porém na maior parte das cidades isso não acontece, tendo como exemplo a ser citada a cidade de Três Lagoas no qual esse tipo de infraestrutura ainda é deficitário. (BRASIL, 2013).

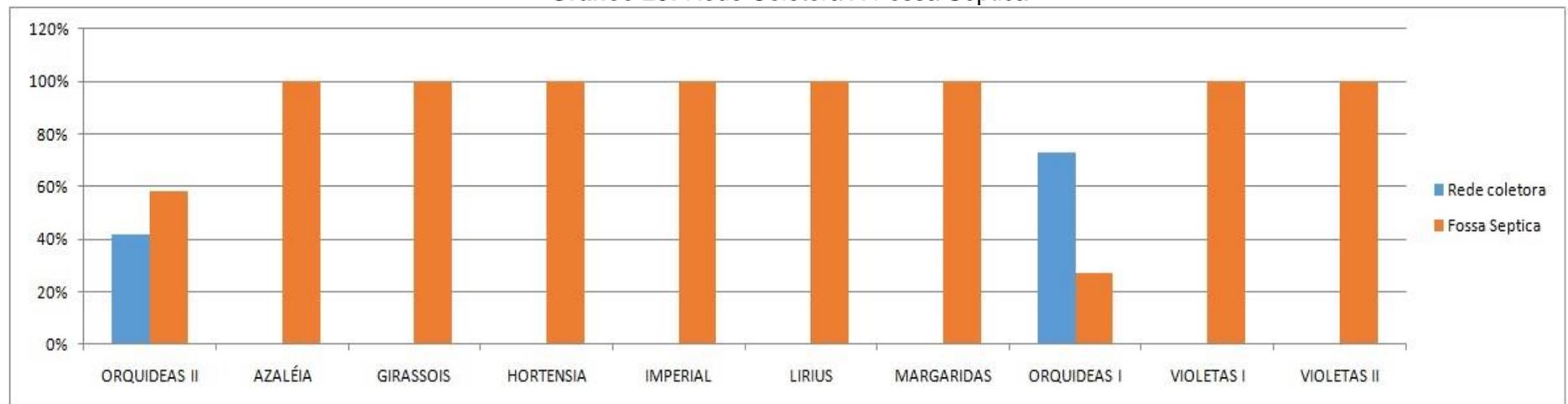
Conforme o critério de adequação proposto por Vetter e Simões (1981) as instalações do esgotamento sanitário estão adequadas, 8 domicílios estão ligados à fossa séptica e dois sendo eles Orquídeas I e Orquídeas II já estão ligados a rede coletora de esgoto (Gráfico 23 e Tabela 23).

Porém os domicílios que já estão ligados à rede coletora ainda utilizam a fossa séptica, devido não ter feito a ligação e a maioria dos moradores não estarem pagando o valor estipulado para obter a rede coletora de esgoto, pois, ao analisar os dados da conta de água não se encontrou valores referentes à taxa de esgoto. (Figuras 10, 11, 12 e 13 e 14).

**Tabela 23:** Rede Coletora X Fossa Séptica

	ORQUIDEAS II	AZALÉIA	GIRASSOIS	HORTENSIAS	IMPERIAL	LIRIOS	MARGARIDAS	ORQUIDEAS I	VIOLETAS I	VIOLETAS II
	Fossa Septica									
Rede coletora	42%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	73%	0%	0%
Fossa Septica	58%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	27%	100%	100%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.

**Gráfico 23:** Rede Coletora X Fossa Séptica

Fonte: ALVES SILVA, C. A., 2015.



Figura 10: Fossa séptica no conjunto habitacional Lírios.  
Foto: ALVES SILVA, C.A., 2014.



Figura 11: Fossa séptica no conjunto habitacional Orquídeas I.  
Foto: ALVES SILVA, C.A., 2014.



Figura 12: Fossa séptica no conjunto habitacional Violetas II.  
Foto: ALVES SILVA, C.A., 2014.



Figura 13: Fossa séptica no conjunto habitacional Imperial.  
Foto: ALVES SILVA, C.A., 2014.



**Figura 14:** Fossa séptica no conjunto habitacional Orquídeas II.

**Foto:** ALVES SILVA, C.A., 2014.

Diante das figuras apresentadas cabe salientar qual a definição de fossa séptica, e de que forma é estruturada e qual a sua finalidade perante uma infraestrutura sanitária. Segundo Brasil (2013), pode-se classificar fossa séptica como:

As fossas sépticas são unidades de tratamento primário de esgoto doméstico, nas quais são feitas a separação e transformação da matéria sólida contida no esgoto. Eles funcionam com unidades de decantação e digestão, realizam a decomposição de sólidos orgânicos, acumulando os resíduos (formação de lodo) e estabilizando compostos. É bastante utilizado devido sua facilidade de construção, operação e baixo custo (p.35).

Como já mencionado os domicílios estão ligados a fossa séptica que são duas fossas no domicílio cada uma com 2 metros de profundidade. E essas fossas conforme informado pelos moradores tem que ser esgotada, mas isso quase nunca acontece porque para que o serviço seja feito é cobrado uma taxa que varia em torno de R\$70,00 e muitos apontam que é difícil pagar por este serviço devido a renda per capita ser baixa. Perante esta informação pode-se associar que os serviços sanitários que são cobrados dos moradores como

taxas de limpeza da fossa e também o valor que deve ser pago por mês de taxa de esgoto, torna-se inviável dentro do orçamento de moradores que possuem sua renda dentro da classe de zero a meio s.m, ou até mesmo de meio a um s.m, tendo como base essas informações é possível correlacionar a renda com os serviços vinculados a infraestrutura sanitária.

Durante a entrevista com os moradores foi possível notar que não possuem informações sobre saneamento básico e muitos nem sabem que é preciso esgotar a fossa e se isso não for feito pode ocasionar problemas estruturais e ocorrer vazamento dos resíduos contidos para o solo sendo preocupante devido seu grau contaminante e também por influenciar no risco de saúde dos próprios moradores que residem no local.

Sendo assim, pode-se inferir também que o grau de escolaridade que se concentra em ensino fundamental incompleto em todos os conjuntos habitacionais estudados é um fator contribuindo para explicar a falta de conhecimento dos moradores relacionado a infraestrutura sanitário e preocupação ambiental e até mesmo com a própria qualidade de vida.

### **3.6 - Disposição dos resíduos sólidos**

Cabe salientar aqui o que são resíduos sólidos e de que fatores estes resultam, pois, é necessário entender a classificação do termo para que seja compreendido de que forma estes devem ser coletados e destinados, evitando problemas econômicos e sanitários. Segundo o Manual de Saneamento (2006), resíduos sólidos são:

Os resíduos sólidos são materiais heterogêneos, (inertes, minerais e orgânicos) resultantes das atividades humanas e da natureza, os quais podem ser parcialmente utilizados, gerando, entre outros aspectos, proteção à saúde pública e economia de recursos naturais. Os resíduos sólidos constituem problemas sanitário, econômico e principalmente estético. Sua composição varia de comunidade para comunidade, de acordo com os hábitos e costumes da população, número de habitantes do local, poder aquisitivo, variações sazonais, clima, desenvolvimento, nível educacional, variando ainda para a mesma comunidade com as estações do ano (BRASIL, 2006, p.227).

A cidade de Três Lagoas passou a ter um aterro sanitário apenas em 2009, antes disso os resíduos sólidos eram dispostos no lixão público e em áreas impróprias ou terrenos baldios. Assim, pode-se concluir que muitas áreas foram contaminadas e que não houve nenhuma preocupação ambiental durante muitos anos, e que tais agravantes não puderam ser recuperados devido o tempo de contaminação de o solo ter sido prolongado por anos. Antes de sua construção era permitida a entrada de catadores, todavia, com a ativação o acesso foi proibido às pessoas não autorizadas no local, por meio da cerca física e cortina vegetal que circunda todo o perímetro do aterro, fato preocupante devido nessa época não existir uma cooperativa de coleta seletiva, sendo assim o lixo depositado no aterro era de todos os tipos (SILVA, C. H. R.; LEAL, G. Q. SILVA, L. C.; SILVA, C. A. A, 2011).

Dentro dos parâmetros propostos por Vetter e Simões (1981) conforme já mencionado no decorrer das análises de infraestrutura sanitária propuseram um estudo sobre abastecimento de água e esgotamento sanitário dentro das categorias de adequação e inadequação, utilizando neste trabalho apenas adequação. Sendo assim diante da análise de disposição dos resíduos pode-se considerar adequado, devido ao “lixo” dos domicílios serem coletados e encaminhados para o aterro sanitário, mas durante as saídas de campo foram encontrados “lixo” nas ruas e também no fundo dos quintais dos domicílios (Figura 15,16 e 17).



**Figura 15:** Lixo no conjunto habitacional Lírios.  
**Foto:** ALVES SILVA, C.A., 2014.

Apesar de três vezes por semana ocorrer à coleta, informação obtida durante a entrevista com os moradores, muitos mantem seus quintais com acúmulo de lixo, conforme a imagem acima evidencia. A maioria que possui nos seus quintais este acúmulo não tem consciência que isso pode gerar contaminação do solo, ou até mesmo causar problemas de saúde, afinal entulho serve de abrigo para insetos e também para contaminantes.

E esse fator está ligado ao próprio grau de escolaridade dos moradores, pois, já fora evidenciado durante a discussão que a maioria possui ensino fundamental incompleto e muitos não tem consciência de questões ambientais e de cuidados com a saúde por não possuírem muita informação e conhecimento sobre estes assuntos e por muitas vezes não serem inseridos em programas que possam levar informações para esses cidadãos.



**Figura 16:** Lixo acumulado na rua no conjunto habitacional Azaleia.  
**Foto:** ALVES SILVA, C.A., 2014.



**Figura 17:** Entulho de material de construção e outros dejetos no conjunto habitacional Azaleia.  
**Foto:** ALVES SILVA, C.A., 2014.

Outro fator preocupante encontrado em alguns dos conjuntos habitacionais estudados é o entulho de lixo nas ruas, que é feito pelos próprios moradores, devido à coleta ser feita dias de terça, quinta e sábado, alguns moradores esquecem-se de colocar seus lixos em frente da casa para que o lixeiro possa recolher, ou muitas vezes não esperam os dias da coleta e colocam em lugares que já tenha acúmulo de lixo, conforme as figuras 12 e 13 mostram.

Sendo assim, uma das seguintes propostas seria que a prefeitura da cidade, juntos com as escolas criassem programas de educação ambiental para os moradores e que fosse levado a eles informações referentes a maneira correta de proceder com seu lixo doméstico e incentiva-los a participar da coleta seletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da breve discussão exposta no presente trabalho fica evidente que muitas questões devem ser avaliadas e reestruturadas não somente na a infraestrutura nas moradias populares, mas principalmente da gestão das políticas públicas de saneamento básico que tem que priorizar mais os investimentos por parte do poder público na implantação de estratégias alcançando assim, a sociedade como um todo.

A participação das comunidades, no que tange a formulação de um planejamento urbano, nos serviços de saneamento, se faz necessário, para assim, promover uma melhoria e assistência na vida da população, inclusive a que mora em bairros distantes do centro, sendo abordado como objeto de estudo nesse trabalho os conjuntos habitacionais.

Uma infraestrutura apropriada como (saneamento básico, saúde, educação, transporte) é fundamental, pois, torna diferentes condições de vida para a população, melhora a qualidade do ambiente, e as condições domiciliares.

As implicações que o crescimento sócioespacial da cidade influencia na infraestrutura domiciliar, sendo essa um fator que condiciona a produção e construção de novas moradias, resultando na formação de novos bairros isso impulsiona a expansão urbana, no caso de Três Lagoas não é assistida do acompanhamento da infraestrutura e isso não está ocorrendo nos conjuntos habitacionais populares, deve-se avaliar como o saneamento básico domiciliar está estruturado para evidenciar as mudanças a serem feitas para melhorar da qualidade de vida dos moradores desses COHABs e principalmente da cidade.

Essas implicações podem ser previstas e impostas pelas políticas públicas que por diretrizes e leis proporcionem um equilíbrio seja nas instâncias social, econômica e política, que por meio de um planejamento urbano torna-se eficaz para que todos tenham acesso aos equipamentos da cidade. E avaliar as condições socioeconômicas para compreender em que aspecto ela se encontra deficitária.

A partir dos resultados, podem-se recomendar investimentos nos setores de infraestrutura urbana, essencialmente em saneamento básico e programas

de geração de renda, uma vez que a descentralização pública dos investimentos favorece muitas vezes apenas determinada parcela da cidade.

Que a Prefeitura Municipal estabeleça parceria com as escolas e até mesmo com a Universidade, e crie projetos para os moradores de áreas marginalizadas da cidade, não somente para os conjuntos habitacionais que é o objeto de análise desta pesquisa, mas para moradores de outras áreas também. Que sejam elaborados projetos que tenham como objetivo a educação ambiental, que seja levado para esta população conhecimentos sobre o meio ambiente num contexto geral e os impactos ambientais decorrentes da infraestrutura inadequada, ou até mesmo relacionados aos atos do cotidiano de alguns moradores em jogar lixo nas ruas, que na maioria das vezes formam entulhos, assim como outros fatores relacionados a possíveis degradações em longo prazo no meio social em que residem.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, F. G.; SOARES, L. A. A. (org.). **Ordenamento territorial**: coletânea de textos com diferentes abordagens do contexto brasileiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

ARANHA-SILVA, E. Produção de moradia e expansão da periferia: Nova dinâmica territorial urbana em Três Lagoas-MS. X Encontro de História de MS, Simpósio Internacional de História. **Anais...** Três Lagoas: Editora UFMS, 2010. v. 1. p. 403-423.

ARRETCHE, M. Políticas sociais no Brasil: descentralização em um Estado federativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 40, jun. 1999.

AZEVEDO, S. Vinte e dois anos de política de habitação popular (1964-86): criação, trajetória e extinção do BNH. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 107-119, out./dez. 1988.

AYACH, L. R. **Implicações socioeconômicas e sanitárias na qualidade das águas freáticas da cidade de Anastácio-MS**. 2002. 110 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2002.

AYACH, L. R.; Pinto, A. L. **Saneamento básico e condições socioeconômicas**: uma análise da cidade de Anastácio-MS, 2007. (Inédito)

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de saneamento**. 3. ed. revisada. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional da Saúde. **Saneamento ambiental, sustentabilidade e permacultura em assentamentos rurais**: algumas práticas e vivências / Fundação Nacional de Saúde. – Brasília: Funasa, 2013.

CAVINATTO, V. M. **Saneamento básico: fonte de saúde e bem estar**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, N. R. A. A questão sanitária e a cidade. **Espaço e debates**, São Paulo, v. 22, 1987. p. 5-25.

CUNHA, S. B. da; GUERRA, A. J. T. **A questão ambiental**: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

EGLER, C. A. G.; MENDES, C. C.; FURTADO, B. A.; PEREIRA, R. H. M., Bases conceituais da rede urbana brasileira: análise dos estudos de referência. In. PEREIRA, R. H. M.; FURTADO, B. A.; (org.) **Dinâmica urbano-regional**: rede urbana e suas interfaces. Brasília: Ipea, 2011.

FRANQUELINO, A.R. **Território e políticas públicas habitacionais em Três Lagoas-MS**. 2013. Monografia (Conclusão de Curso) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2013.

GERARD, L. H. O.; SILVA, B. C. N. **Quantificação em geografia**. São Paulo, 1981.

IBGE. **Cidades**. Disponível em <<http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 08 out. 2014.

IBGE. **Indicadores Sociais Mínimos**. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/Indicadores Sociais Mínimos](http://www.ibge.gov.br/Indicadores%20Sociais%20M%C3%ADimos)>. Acesso em: 07 jun, 2014.

LIMONAD, E. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, M; BECKER, B. K. (orgs). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

LOUREIRO, M.R. MACÁRIO, V. GUERRA, P. **Democracia arenas decisórias e políticas públicas: o Programa Minha Casa Minha Vida**. Rio de Janeiro: Ipea. (Texto para discussão, n.1.886), 2013.

MARICATO, E. **Brasil, cidades – alternativas para a crise urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARICATO, E. O Ministério das Cidades e a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano. **Boletim Políticas Sociais – Acompanhamento e Análise**. IPEA, 12 fev. 2006.

MARICATO, E. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MASCIA, E. L. Habitação no Brasil atual - construção de uma política de estado?. XIV Encontro Nacional Da Anpur, **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome (MDS). Disponível em <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 20 de maio, 2014.

MONTEIRO, C. A. F. A interação homem – natureza no futuro da cidade. In: BECKER, B. K. et al. (orgs). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo: Hucetec, 1995, p.371-395.

MORETTO, C. F; SCHONS, M. **A.Pobreza e meio ambiente: evidências da relação entre indicadores**. VII Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. **Anais...** Fortaleza de 28 a 30 de novembro, 2007, p.1- 20.

OLIVEIRA, I. C. E. **Estatuto da cidade:** para compreender. Rio de Janeiro. IBAM/DUMA, 2001.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica.** São Paulo: Pioneira, 1999. 320 p.

RODRIGUES, A.M. **Moradia nas cidades brasileiras.** 3. ed.. São Paulo:Contexto,1990.

ROSS, Jurandir L. S. **Ecogeografia do Brasil:** subsídios para o planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVA, C. H. R.; LEAL, G. Q. SILVA, L. C. ; SILVA, C. A. A. . Os resíduos sólidos urbanos e as áreas de vulnerabilidade sócioambiental em Três Lagoas MS. **Anais...** XIX Encontro Sul Mato Grossense de Geógrafos- III Seminário de Estudos Fronteiriços.ISSN.2176-4735.Corumbá, 2011, p.1-10.

TRÊS LAGOAS. **Plano Local de Habitação e Interesse Social.** Prefeitura Municipal de Três Lagoas/MS, 2010.

VETTER, D. M.; SIMÕES, C. C. S. Acesso à infraestrutura de saneamento básico e mortalidade. **Revista brasileira de estatística**, Rio de Janeiro, Vol. 42, n.165, 1981, p.17-35.

## **ANEXOS**

**UFMS: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS - MS**

**TRABALHO AMOSTRAL DE CAMPO  
LEVANTAMENTO SÓCIO ECONÔMICO E INFRAESTRUTURAL DOS  
CONJUNTOS HABITACIONAIS DE TRÊS LAGOAS.**

BAIRRO: \_\_\_\_\_ Conjunto Habitacional: \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_  
NOME DO CHEFE DO DOMICÍLIO: \_\_\_\_\_  
N° DE ELEMENTOS DA FAMÍLIA \_\_\_\_\_ AGREGADOS E OUTROS \_\_\_\_\_

**IDADE, SEXO E ESCOLARIDADE DE CADA ELEMENTO DO DOMICÍLIO.**

IDADE	SEXO		ESCOLARIDADE					
	H	M	1° Grau		2 °Grau		3° Grau	
			Comp.	Inc.	Comp.	Inc.	Comp.	Inc.

**PROFISSÃO E FAIXA SALARIAL (EM SALÁRIO MÍNIMO).**

POSIÇÃO DA FAMÍLIA CHEFE	PROFISSÃO	FAIXA SALARIAL	TRABALHOU TODO O ANO DE 2006 ATÉ AGORA	
			SIM	NÃO
ESPOSA				
FILHO(A)				
FILHO(A)				
FILHO(A)				
OUTROS				

**POSSUI OUTRA RENDA ALÉM DO SALÁRIO?**

- ( ) SIM ( ) NÃO  
 ( ) ALUGUEL  
 ( ) ARRENDAMENTO  
 ( ) PENSÃO  
 ( ) APLICAÇÕES FINANCEIRAS  
 ( ) APOSENTADORIA  
 ( ) OUTROS

**VOCÊ RESIDE EM CASA PRÓPRIA?**

- SIM  NÃO  
 ALUGUEL – VALOR DO ALUGUEL R\$ \_\_\_\_\_  
 CEDIDA

COM RELAÇÃO AO ABASTECIMENTOS DE ÁGUA  
EXISTE CANALIZAÇÃO INTERNA?

- SIM  NÃO  
 TOTAL  
 PARCIAL  
SE SIM

- POÇO RASO
- POÇO PROFUNDO ARTESIANO
- REDE GERAL
- CANO PLÁSTICO
- CANO DE FERRO
- OUTRA FORMA

OBS: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

QUANTO PAGOU NA ÚLTIMA CONTA DE ÁGUA: \_\_\_\_\_

ESGOTAMENTO SANITÁRIO

- REDE GERAL
- FOSSA SÉTICA
- FOSSA RUDIMENTAR
- A CÉU ABERTO
- NÃO SABE
- OUTRO

PROFUNDIDADE DA FOSSA

- até 2 m
- 2 a 3 m
- 3 a 4 m
- 4 a 5 m
- e)  5 a 6 m
- f)  6 a 7 m
- g)  + de 7 m

## TRATAMENTO DOMICILIAR DA ÁGUA UTILIZADA PARA BEBER:

- NENHUM
- FERVURA
- COLORAÇÃO
- FILTRAÇÃO DE BARRO
- FILTRAÇÃO DO TIPO EUROPA

## EM QUE PERÍODO VOCÊ LIMPA A CAIXA D'ÁGUA

- ( ) 6 em 6 meses
- ( ) 2 em 2 meses
- ( ) 1 em 1ano
- ( ) Outros

## DESTINO FINAL DO LIXO

- |                    |                              |
|--------------------|------------------------------|
| • ( ) COLETADO     | e) ( ) PRÓXIMO AO POÇO       |
| • ( ) ENTERRADO    | f) ( ) PRÓXIMO DA RESIDÊNCIA |
| • ( ) A CÉU ABERTO | g) ( ) LONGE DO POÇO         |
| • ( ) QUEIMADO     | h) ( ) LONGE DA RESIDÊNCIA   |

## Anexo II



**Conjunto Habitacional Violetas II.**



**Conjunto Habitacional Imperial.**



**Conjunto Habitacional Girassóis.**



**Conjunto Habitacional Orquídeas I.**



**Conjunto Habitacional Violetas I.**



**Conjunto Habitacional Girassóis.**